

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
Semestre — Cr.\$ 12,00
Pagamento Adiantado

O ECO

Anúncios e Publicações
de acordo com a
TABELA

REDAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 12 de MAIO de 1946

BRASIL

NÚMERO 420

Cousas do momento

ALEXANDRE CHITTO

O exodo das populações campezinas movimenta-se como um ciclone para os grandes centros, preocupando grandemente o governo, estando em primeiro lugar o de São Paulo, Estado em que o fenomeno mais se acentua.

O problêma, neste particular, é bastante complicado e soluções praticas para que as cousas não entrem num beco sem saída ainda não foram tomadas.

Triste e alarmante é atualmente a vida nas grandes cidades de colonos saídos do interior, iludidos pelos altos salários nas fabricas. Hoje, lá estão sem casa, encostando suas famílias em plataformas de estações ou debaixo de tendas improvisadas pobremente, expostas a inclemencia do tempo, justamente na época de frio.

O Caricaturista Belmonte, na «Folha da Noite» de quinta feira passada, estampou perfeitamente o movimento da gente camponesa que deixa a vida interiorana e ingressa na Capital.

Em quatro «sarges», Belmonte disse tudo. No primeiro quadro vê-se o caboclo sonhando com os arranha céos; no segundo, o trem que o leva atravez do interior com destino a S. Paulo. E na terceira «sarge», entretanto, lá está o caboclo, na grande cidade, metido sob uma pobrissima tenda, com sua familia. E finalmente, o Zé Povo gritando: «Cuidado! Vão ficando por aí. Si no interior a vida não é boa, aqui na Capital e horrivel».

Ha razão e de sobra para tais afirmativas, resumidas em quatro caricaturas. Mas como deter a grande massa que se dirige principalmente a S. Paulo, centro que aparece como maior parque industrial da America do Sul?

Dando-lhe maior meio de instrução, higiene, assistencia social etc. Tudo, afinal, o que os interioranos vão em busca nas grandes cidades.

Mande o governo emissarios constatar como se vive na roça, fazendas e pequenos centros do interior. Vida simplesmente alarmante

E' preciso que o governo estude planos que venham beneficiar tambem as populações interioranas, porque, contrariamente, não haverá quem queira habitar fóra de S. Paulo ou outra Capital qualquer, futuramente.

Senhores Industriais

A Agencia Municipal de Estatística solicita, com a maxima urgencia, a devolução dos questionarios (REGISTRO INDUSTRIAL), devidamente preenchidos, com os elementos do ano de 1945, evitando dessa forma as penalidades estituidas por lei.

Agencia Municipal de Estatística em 11 de Maio de 1946.

Emanuel Canova

Agente Municipal do I. B. G. E.

Navios retidos no porto de Santos

Devido ás greves que se assinalam no porto de Santos, inumeros navios acha-se retidos sem poder descarregar a sua carga, de procedencia norte-americana, o que vem acarretar elevados prejuisos ao comercio.

D. Frei Luiz Maria de Santana faleceu domingo ultimo em Botucatu. A sua morte repercutiu profunda e dolorosamente no seio da população desta cidade.

Como é de dominio publico, ás 20 horas e 45 minutos, do dia 5 do corrente, em Botucatu, no Palacio São José, faleceu S. Excia e Revma. D. Frei Luiz Maria de Santana, Bispo Diocesano.

A noticia do desenlace circulou em Ubirama ás 19 horas, mais ou menos, com os sinos que passaram a dobrar a finados, espalhando-se rapidamente pela cidade, com profunda consternação do povo ubiramense, que tinha em D. Luiz, um grande Bispo e um grande amigo.

E' grandiosa e extensa a folha que constitue a primorosa vida eclesiastica de D. Luiz Maria de Santana, da qual destacamos alguns pormenores.

D. Frei Luiz Maria de Santana nasceu em Santana Italia, provincia de Padua, filho do sr. Luiz Culturato e de d. Jacinta Beldri Culturato, adquirindo a nacionalidade brasileira em 1937.

Em 1929 foi preconizado Bispo de Uberaba, por S. S. o Papa Pio XI, permanecendo n' quella Diocese durante nove anos, até 1938.

E por Bula de 2 de Abril de 1938, D. Frei Luiz Maria de Santana, fora transferido para a Diocese de Botucatu, onde a morte, a 5 do corrente, veio encontra-lo, abrindo uma grande e irreparavel lacuna no seio do cléro nacional.

Eximio orador e profundo conhehor da psicologia popular, coração bondoso e leal para com os seus diocesanos, o povo de Ubirama, desde que conheceu o terceiro Bispo de Botucatu teve nele um grande prelado, um grande pastor e um grande pai.

E por isso, nesta hora, acha-se profundamente cons-

ternado pelo desaparecimento do seu Bispo.

E a imprensa local que sempre admirou sinceramente D. Frei Luiz Maria de Santana aqui deixa seus pesares á Igreja Catolica nacional, representada nesta cidade pelo Padre Salustio Rodrigues Machado, Vigario da Paroquia, que tambem, agora curte conosco a grande magua.

Torneio Varzeano de Futebol.

Domingo ultimo, com a participação de nove quadros: Virgilio Rocha F. C. - Faturinha F. C. - Pedreira F. C. - Alfredo Guedes F. C. - Faturinha F. C. - São Luiz F. J. - São José F. C. - Bocaina F. C. e F. C. Independencia, realizou-se, no campo desta cidade, o torneio varzeano de Futebol.

Depois de interessantes disputas, colocou-se em primeiro lugar o Virgilio Rocha F. C. e em segundo o Faturinha F. C.

Curso de Preparatorios

Acham-se abertas as matriculas para o curso de preparatorios ao Ginasio. Fratar com as professoras Carmem Vieira da Silva e Aracy Salles, no Hotel Central.

A China adquiriu 75.000 toneladas de arroz Brasileiro.

Noticia-se que o Brasil fornecerá 75.000 toneladas de arroz á China.

Prefeitura Municipal de Ubirama

Decreto N. 4

O Prefeito Municipal de Ubirama, usando da atribuição que lhe confere o Decreto-Lei Estadual n.º 13.030, de 28 de outubro de 1942, artigo 12 "ESTATUTO DOS FUNCIONARIOS PUBLICOS CIVIS MUNICIPAIS" e disposto no titulo I - capitulo I e II, do citado Estatuto, resolve:

Artigo 1.º — Nomear o Sr. JESUS JOSE DE SOUZA, para o cargo de ZELADOR interino no distrito de BOREBI, ficando assim sem efeito a Portaria n.º 240 de 1-8-1945.

Artigo 2.º — Este decreto executivo entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrario.

Prefeitura Municipal de Ubirama, 10 de Maio de 1946.

José Salustiano de Oliveira
Prefeito Municipal

O primeiro aniversario da Vitória comemorado nesta cidade.

No dia 8 do corrente, transcorrendo o 1.º aniversario da «Vitória», foi solenemente comemorado nesta cidade.

No Cine Guarani realizou-se significativa e patriótica manifestação civica, tomando parte autoridades e numeroso povo.

O prof. João B. Viana Nogueira, falou demoradamente sobre a data, cujas palavras foram aplaudidissimas pelos presentes.

Sob a regencia da Sta. Profa. Aracy Salles, foram executadas pelo Orfeão Infantil, duas belas canções: «DEUS SALVE AMERICA e A VOLTA DO EXPEDICIONARIO».

A Poesia - Conforme me parece que anda

(Copyright do D.E.I., Exclusivo para "O E'CO" na cidade de UBIRAMA.)

Fernando Mendes de Almeida

Pareceria bizantinismo discutir o assunto. Mas, como surgiu numa conversa de bar de bar, desde logo, propendo a consagra-lo como sério. Aliás, nos bares e nos cabarés se tem grandes coisas. Mas, voltando a vaca fria, porto-me ao assunto.

Numa conversa de bar, sustentou-se que, em consequencia de interesse enorme que a literatura vai tendo, já é possível a poesia brasileira, até mesmo a chamada «moderna» ter sua estatística de bons compreendedores.

Em primeiro lugar, não vejo vantagem em compreender poesia. Já disse isso varias vezes e, ainda que apedrejado, é o meu pesamento. Poesia foi feita para ser sentida. Em segundo lugar, uma realização de arte pode estar ligada ao publico, sem, contudo, precisar da consagração desse mesmo publico, afim de ter o seu justo valor. Em terceiro lugar, é preciso não confundir o leitor passivo e ativo, isto é, que lê livros dos outros e escreve livros, com o leitor que, eficientemente corresponderia a uma expressão provavelmente economica não somente quanto ao editor, como quanto ao autor. Tomando a palavra «leitor» em seu sentido aproveitavel, isto é, como todo aquele que é incapaz de escrever, a poesia brasileira ainda está pedindo esmola. Se os poetas, alguns mesmos compran-

do livros de colegas, são leitores da poesia brasileira, isso não é êxito da poesia propriamente. E' vitoria da solidariedade. Dificil, será, no entanto, situar si uma base para que se afirme que a poesia já tem leitores. Aumentou sim, a estatística dos poetas, e, por isso, aumentaram as proporções da solidariedade. Mesmo assim, o leitor inofensivo a escrita continuou docemente a preferir romancelhos, porque ele está no caso de ser comprado aos que, segundo Mario de Andrade, «tem olhos mudos» - lesão essa que não rima com a poesia. O resultado é que esse leitor continua a esperar o romance do mocinho que casa em fim, assim como ha vinte anos a traz acabava com raiva de Machado de Assis por causa da solução que o escritor impôs á madraستا de Yayá Garcia. Está claro que se êsse tipo de leitor é a regra, não ha por assim dizer clima para a poesia. O que se pode dizer, apenas, é que entre os poetas, já ha muitos que gostam da poesia que os outros escrevem. Como isso não adianta nada, a poesia continua por aí, ora fraca, ora forte, sendo certo que continua em «deficit» para consigo mesmo

Anunciem neste jornal

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530
Caixa Postal, 9 - UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261
AGUDOS

Somente em Setembro proximo é que a voltagem da energia elétrica desta cidade poderá ser melhorada.

Diante das inumeras solicitações que temos feito, nestas colunas, a Companhia Paulista de Força e Luz, quanto á deficiência da iluminação publica nesta cidade, no dia 2 do corrente, esteve em nossa redação o sr. Ormino de Andrade Cesar, Chefe da Divisão de Bauru, informando-nos que sómente em Setembro proximo poderá ser

melhorada, não obstante todos os esforços da Companhia.

A fraca voltagem atualmente reficada é motivada pelas inumeras reparações, nas diferentes Usinas, no Estado, que a Companhia Paulista de Força e Luz está procedendo, com a finalidade de solucionar, de uma vez por todas, o atual estado de cousas.

SUPLEMENTO DO "O E'CO"

Avisamos que a remessa do Suplemento do «O ÉCO será continuada somente para aqueles que tiverem a sua assinatura feita.

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00

Fundos de Reserva . . . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -
Rua São Bento, 341

FILIAIS:
Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-Cruzeiro — Jaboticabal — Jacaré — Jau-Lorena — Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama - (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

EDITAL

De 1.a praça com o praso de 20 dias.

Eu, o Dr. José Teixeira Pombo, Juiz de Direito desta cidade e comarca de Agudos.

FAÇO saber aos que o presente edital de 1.a praça com o praso de vinte dias virem ou dele conhecimento tiverem que, no dia 29 de Maio p. futuro, ás 13 horas, em frente ao edificio do Fórum e Cadeia, nesta cidade de Agudos, o porteiro dos auditorios ou quem suas veses fizer, levará em praça os bens pertencentes ao finado João Pacca, arrecadados por este Juizo, conforme processo de arrecadação que corre pelo Cartorio do 2.º officio, que conforme laudo de avaliação, consistem em uma casa e respectivo terreno, situados a rua Libero Badaró, sob n. 84, coberta de telhas, com tres modos internos com paredes de barro, com o respectivo terreno medindo vinte e dois metros de um lado e oitenta e quatro de outro, e, ainda, conforme auto de arrecadação, mede o terreno vinte e dois metros na rua 13 de Maio, dividindo pelos fundos com Joaquim de Oliveira Lima e de outro lado com a avenida Virgilio Rocha, avaliados por (r.\$ 2.200,00 (dois mil e duzentos cruzeiros.) - Dos respectivos autos consta uma certidão do Oficial do Registro de Imoveis desta comarca, da qual se verifica que, sobre os bens óra levados a praça, não consta que João Pacca houvesse constituído hipoteca ou outros quaisquer onus reais. - E assim serão ditos bens levados á praça, no dia, hora e lugar acima referidos e arrematados por quem mais der e maior lance oferecer acima do preço da avaliação. E para que chegue ao conhecimento de quem possa interessar, mandei expedir o presente que será afixado e publicado na forma da lei. - Agudos, 30 de Abril de 1946. Eu, **Vicente Ferreira Silveira**, escrivão, subscrevi.

O Juiz de Direito,

(a) José Teixeira Pombo.

Assinem Leiam e Propaguem - O E'CO -

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

FUTEBOL

A postos o C. A Lençoense e o Agudos F. C. para mais uma sensacional disputa futebolística em continuação ao torneio da 5.a Região.

Esta tarde, os pupilos de Sandro terão mais um serio compromisso a solucionar, enfrentando, nesta cidade, o afamado conjunto do Agudos F.C. o qual pisará o nosso gramado em perfeita fórma e integrado de todos os seu titulares: Carabina, Dinho, Leopoldo, Gatinho, Gutti e outros bem conhecidos da torcida ubiramense.

E conhecedor desse motivo, o tecnico Sandro tera feito os devidos e imprencendiveis preparativos para que a turma sob a sua orientação possa apresentar-se disposta a uma jogada sensacional, digna do seu valor e capaz de garantir se os louros da vitoria. Porque, uma derrota, hoje, diante do Agudos F. C., principalmente em nossa «cancha» representará para o C. A. Lençoense o definitivo ato que porá por terra todas as suas esperanças para uma ótima colocação no torneio da região.

Os lençoenses, esta tarde, se quiserem fazer jús ao valor e ao seu afamado cartaz, deverão atuar com uma disposição bem mais acima da

demonstrada duas vezes ultimamente, em Bauru e, no dia 1 do corrente, em Botucatu, que por falta de uma harmonia mais acentuadamente no conjunto, os nossos rapazes não conseguiram um exito que lhe garantisse a vitoria. Dois magros empates e uma derrota, tudo porque o nosso onze não se compreendeu nas jogadas, não funcionou como uma só peça mecanica como, aliás, podia ter jogado.

Todavia, o passado já se foi esquecido pelos «fans de Beifare, Nuccio, Limão, Imparato, David, Tite, Bizzorro, Pipóca, Ilmo e outros, hoje, os mesmos «fans» estão numa grandiosa espectativa, esperam a vitoria, a vitoria conquistada em espetaculares lances.

O Agudos F. C. é um excelente conjunto e um pequeno descuido da turma de Sandro, será o bastante para nos fazer descer da tabela. E agora, um tal acontecimento, que não pode ser muito difficil, até... á volta.

Mas, a torcida tem fé no tecnico Sandro na destemida turma que está sob a sua sábia orien-

tação, quanto ao jogo desta tarde. Temos certeza, que o conjunto do C. A. L. saberá impor-se galhardamente diante do seu valoroso adversario. Esperemos.

O cadaver de Mussolini está prestes a ser encontrado.

Autoridades milanezas divulgam que o cadaver de Mussolini, ratado do cemiterio de Milão ha poucos dias, está prestes a ser encontrado. Dois dos individuos que participaram do roubo já foram capturados pela policia, confessando o nome dos seus companheiros.

A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

- REUMATISMO
- ESCRÓFULAS
- ESPINHAS
- FÍSTULAS
- ÚLCERAS
- ECZEMAS
- FERIDAS
- DARTROS
- MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

CONHECIDO HA 43 ANOS VEM SE EM TODA PARTE

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Ubirama precisa de maior numero de ruas calçadas

Com a construção de inumeros predios valiosos, situados nos principais pontos da cidade, seria uma injustiça, até, deixar as ruas da cidade, as mais centrais, desprovidas de calçamento. Pois neste caso os proprios edificios sofrerão uma certa desvalorização, ainda que os seus proprietarios tenham o gosto de construi-los com os melhores materiais.

Sem o devido calçamento nas proprias ruas, não constituirão os predios que deverão ser.

Portanto urge que a nossa cidade tenham maior numero de ruas calçadas. Assim sendo a administração publica, terá concorrido ao esforço do seu povo.

Dr. João Paccola Prima

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

Aprovado com Distinção

Quando a gente não tem o que fazer começa a meter o beldelho em particularidades alheias. Assim aconteceu comigo uma noite destas.

No Cinema, assistindo a um filme, estava eu sentado na fila apenas atrás de um elegante pár.

E como haviam alguns minutos de sobra para o início da sessão, não sabendo de que maneira matar o curto tempo, procurei qualquer passatempo que me tirasse daquela impaciência.

Então, veio-me a ideia, de contar quantas vezes a jovem aprovava e contrariava a palestra do seu interlocutor, meneando a cabeça.

E... pumba, marcando o relógio.

Pois, olhem, amigos, em seis minutos, a elegante "girl" afirmou onze vezes contra quatro negativas.

Ora, pensei, quando o operador deixou a plateia no escuro, o moço está aprovado e... com distinção.

LISSER

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, a menina Erinéa Biral e o sr José Coneglian.

Amanhã, a sra. Josefina M. Moretto, esposa do sr. Vicente Moretto; e o menino Mario Silvio Batistela.

Dia 14, a sra. Virginia B. Canova, esposa do sr. Evaristo Canova; o jovem Atilio Brega, a menina Flavia Beredeti e a menina Leoni, filha do sr Artur Nelli.

Dia 15, o sr. Anelo Caponi.

Dia 16, a menina Geiza Terezinha Paccola, filha do sr. Angelo Augusto Paccola e d. Jupira de O. Paccola.

Dia 17, a sta. Maria Aparecida, filha do sr. Fernando Frezza

Dia 18, a menina Maria Antonia Baccili e o menino Alairto filho do sr Leonildo Baccili, residente em Ourinhos.

Casamento

As 8 horas do dia 19 do corrente, realizar-se-á, na Igreja Matriz desta cidade, o enlace matrimonial do jovem Dionizio Ceschini com a sta. Aleida Basso, filha do sr. Guido Basso e de d. Delinda P. Basso.

Falecimento

Acaba de falecer, nesta cidade, às 15 horas do dia 8 do corrente, o ilustre cidadão e antigo morador desta cidade, sr. José Augusto Macha-

do. Era o saudoso extinto muito relacionado em nosso meio social, deixando um largo círculo de amigos e parentes. Aqui chegado em 1913, foi por espaço de cerca de trinta anos, funcionario federal, onde se aposentou. Homem de grande iniciativa e muito empreendedor, aqui foi proprietario, lavrador e industrial, não deixando de muito contribuir para o progresso de Ubirama. Nasceu o saudoso extinto em Tietê, em 23 de Março de 1880. Deixa viuva D. Maria de Oliveira Machado e os seguintes filhos: dr. Benedito de Oliveira Machado, advogado em Birigui, casado com D. Maria de Lourdes Bittencourt Machado; D. Diva Machado Canova, viuva do sr. Augustinho Canova e dr. José Augusto de Oliveira Machado, médico em Braúna, casado com D. Louizete Morrey Machado. Deixa ainda nove netos e inumeros parentes.

O seu enterramento realizou-se dia 9, às 14 horas, sendo grande o numero de amigos e conhecidos do finado, que acompanharam os seus restos mortais até a sua ultima morada, no cemitério local.

Missa do 7.º dia

A familia Machado, ainda consternada com o doloroso golpe que sofreu, com a perda irreparável de seu extremado chefe José Augusto Machado, falecido nesta cidade, às 15 horas, do dia 8 do corrente, vem por meio deste convidar os seus amigos e parentes, para a Missa do sétimo dia, que será realizada no dia 15 do corrente, às 8 horas na I-

greja Matriz local, por intensão de sua alma. Por esse ato de religião, se manifesta desde já imensamente agradecida.

Agradecimento

D. Maria de Oliveira Machado, viuva; dr. Benedito Augusto Machado e d. Maria Bitencourt Machado; d. Diva Machado Canova, dr. José Augusto de Oliveira Machado e Louizete Morrey Machado, filhos e nórás do saudoso extinto, José Augusto Machado, além dos netos e demais parentes, vêm por meio deste confessar sua eterna gratidão a todos aqueles que acompanharam os restos mortais do finado, até sua ultima morada e que os confortaram com sua amizade e ajuda.

Impossibilitados de agradecer pessoalmente, a cada um, servem-se das colunas deste jornal, pedindo que as bençãos de Deus retribuam esses atos de religião e amizade.

O PRECEITO do DIA

Iluminação uniforme

As grandes diferenças de iluminação, entre os vários pontos de uma sala, onde se lê ou trabalha, são tão prejudiciais á vista quanto á iluminação deficiente ou excessiva. Ao desviar-se a vista do livro e dirigi-la para outro ponto menos iluminado, os olhos são obrigados a um rapido e violento esforço de adaptação. A repetição desse esforço leva-los á rapidamente á fadiga.

Poupe seus olhos, iluminando com uniformidade os vários pontos de sua sala de trabalho ou estudo. — SNES.

Prédio do Banco Nacional da Cidade de São Paulo.

Com a remoção da primeira terra, teve inicio o grandioso predio do Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, a ser edificado em Ubirama. Como já tivemos ocasião de fazer ligeira alusão, o magestoso edificio amontará á importancia de 400.000.00 Cruzeiros, aproximadamente.

Será uma grande riqueza que a nossa cidade conseguirá com a construção do novo predio. Pois além de ser grande em tamanho será grande em sua beleza a quitetônica. Possuirá uma fachada que será o maior ornamento, em arg massa e cimento, da principal artéria publica ubiramense.

FRACOS 2 NEMICOS!
Tomem:
VINHO CREO OTADO

Do Ph. Ch. João de Silva Silveira
Empregado com exito nas:

- Tosses
- esfriados
- Bronchites
- Escrophulose
- Convalecçães

INH. CREOSOTADO
e um geador de saúde

A Prefeitura deve tomar terminantes medidas

contra os cães que andam perambulando pelas vias publicas da cidade

Para á grande quantidade de cães vagabundos que andam soltos pelas vias publicas da cidade, a Prefeitura deve tomar medidas terminantes para acabar com tais animais inuteis.

Continua o impasse entre Russia e Aliados quanto ao caso da Italia e Balcans.

As noticias de ultima hora são de que houve completo malogro da conferencia dos chancelers principalmente quanto ao caso da Italia e Balcans. A Russia mostra-se intransigente, o que obrigou o Conselho a adiar novamente as discussões.

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Florianô Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

QUE SÃO OS COMETAS ?

DE INÁCIO PUIG — Diretor do Observatório São Miguel (Argentina)

Em todos os tempos a crença popular se sentiu, repetidas vezes, empolgada pelo temor de um incêndio total da terra. Uma espécie de fim do mundo... Provavelmente esse estado de ânimo tinha suas razões com o aparecimento súbito, de tempos em tempos, desses astros vistosos — os cometas — que de vez em quando perturbavam a majestosa regularidade dos céus. Sejam justos com os nossos antepassados; numa época em que se desconhecia a verdadeira natureza dos cometas e em que não se sabia que muitos deles são membros regulares do nosso sistema solar, era perfeitamente natural assustar-se, vendo aparecer, de repente, no firmamento, astros tão estranhos e imponentes como os cometas de 1811, de 1843 ou o de 1853, para citar apenas os mais importantes do século passado?

E tinham razão, realmente. Vejamos, por exemplo, o cometa de 1843, cuja cauda media aparentemente 40° de longitude, ou seja 80 vezes o diâmetro da Lua. Ora, se ainda hoje em dia, o espírito mais culto, com dificuldade pode abster-se de emoção na frente de fenômenos celestes tão anormais, ainda hoje — repetimos — que a ciência tem dados precisos sobre a natureza e curso dos cometas, que deveria ter sucedido na Idade Média e nos tempos mais remotos da antiguidade, quando se olhava esses estranhos visitantes através de uma imaginação obscurecida pelo temor e pela ignorância!

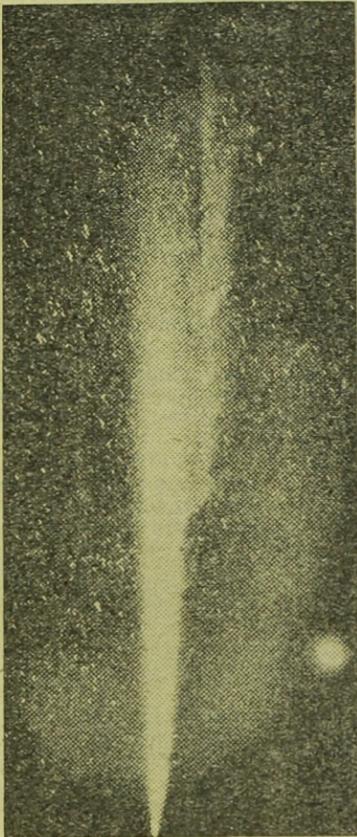
As antigas crônicas com descrições terríficas e cenas por demais curiosas, além de desenhos

antigos, nos oferecem imagens sumamente cômicas e extremamente pitorescas, contribuindo para aumentar o temor e excitar a fantasia.

A humanidade inteira, sem exceção nem mesmo dos gênios e dos maiores potentados, estava sempre inclinada a responsabilizar esses sinistros astros por tudo que acontecesse, chegando ao ponto de criar-se a lenda de que os cometas não tinham outra finalidade, ao aparecer, que anunciar terribes calamidades.

Ainda havia mais. Era crença muito arraigada entre os povos, da qual participavam também os astrônomos, ou melhor, os astrólogos, que o aparecimento de um cometa poderia ocasionar à Terra as mais espantosas catástrofes. Diziam-se que esses astros eram capazes de destruir em um instante tudo quanto existisse no globo e — para outros — a aproximação de semelhante fenômeno podia provocar nos mares da Terra, por efeito da atração, ressacas gigantes, capazes de inundar todos os continentes.

Mas, a verdade é que não precisamos ir tão longe. No ambiente mesmo das massas populares dos nossos dias, persiste, ainda, fluante, a idéia dos malefícios, que herdamos das gerações passadas. É que a humanidade não se esquece assim tão facilmente das preocupações herdadas dos antepassados. As suas idéias científicas não exercem nenhuma influência sobre



O cometa de Halley fotografado na sua última aparição

as massas populares. Em pleno século XX tivemos um exemplo típico, com o aparecimento do cometa Halley, em 1910. Quantos e tão exagerados temores não alimentaram, naquela época, os povos? A julgar-se pelo que esperava a credence popular, a Astronomia se achava ainda como nos tempos da Idade Média, pois como se não existisse nenhuma ciência, se divulgaram entre as turbas os mais sinistros presságios de desolação e catástrofes.

Hoje em dia, que a astronomia realizou tão estupendos progressos, podemos precisar, um pouco mais, a transcendência que teria para a Terra o choque com algum cometa, na base, está claro, de nossos conhecimentos acerca de sua natureza. Contudo, forçoso é confessar que ainda restam, nesse ponto, não poucas incógnitas e diversos extremos para elucidar.

A aparência externa de quase todos os cometas, sobretudo nas proximidades do Sol, é de um núcleo brilhante de pouca extensão e de aspecto estelar rodeado de uma espécie de cabeleira que junto com o núcleo constitui a cabeça, porém o mais característico dos cometas é a cauda, que, como um prolongamento luminoso para o espaço, em sentido oposto ao Sol, se estende por distâncias verdadeiramente prodigiosas. A luz que nos chega dos cometas tem duas origens: uma parte procede do Sol ainda que difundida pela matéria do astro, como a que nos

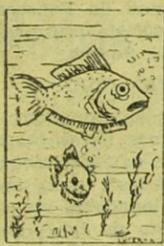
refletem as nuvens, e outra parte é luz própria, de composição variável, segundo proceda do núcleo, da cabeça ou da cauda.

Atualmente se admite que o núcleo dos cometas é constituído por um enxame de meteoritos, partículas sólidas, que como um bando de pássaros viajam na mesma marcha. Nesta hipótese o calor resultante da sua proximidade ao Sol determinaria o desprendimento de gases fechados nos fragmentos sólidos, dando assim origem à cabeleira e à cauda.

Contudo, Baldet, astrônomo do Observatório de Paris, é de opinião que o núcleo, em regra geral, é formado de um grande meteoro único, quer dizer, de um corpo mineral sólido, de dimensões relativamente pequenas, por exemplo, da ordem de um quilômetro de diâmetro, com grande quantidade de gases.

Em qualquer dessas hipóteses os cometas viriam a ser uma espécie de colossais bólidos, aos quais a força propulsora provém da atração solar e o desprendimento de gases teria lugar pela parte anterior, embora, imediatamente depois se trasladasse à parte posterior, por efeito de uma força repulsiva. Sob a influência de diversos agentes, particularmente da temperatura, o núcleo dos cometas se desagregaria com o tempo, semeando toda sua rota de meteoritos que se soltariam uns dos outros, ainda que seguindo a mesma órbita, para formar uma verdadeira esteira de partículas sólidas, que, em seu encontro com a Terra, dariam lugar a verdadeiras chuvas de estrelas.

O PALADAR E O OLFATO ENTRE AS AVES, OS PEIXES E OS INSETOS



No homem e nos mamíferos, a língua é o único órgão do paladar.

Todas as outras mucosas da boca não servem mais, ou nunca serviram, para essa função fisiológica.

Entre as aves, acontece justamente o contrário. De todas as partes da região bucal, somente a língua, revestida de uma espécie de tecido córneo, é excluída das funções do paladar.

No que concerne aos peixes, as experiências feitas nesse sentido provam que eles têm a vantagem de distinguir não somente o sabor dos alimentos já introduzidos na boca, como também o dos alimentos em contacto com a parte exterior do seu corpo.

Tal propriedade é devida ao fato de possuírem os peixes corpúsculos dotados da faculdade do gosto espalhados por toda a superfície exterior da cabeça, por toda a região abdominal, e, em algumas espécies, pelas partes inferiores das nadadeiras e da cauda.

É muito provável, portanto, que os peixes sejam avisados da vizinhança de certos alimentos, não somente pelas sensações do olfato, como também pelas do paladar.

Podemos afirmar que, em quase todos os habitantes da água, os sentidos do paladar e do olfato, têm por vezes, uma agudeza e uma finura nunca vistas nos animais superiores, inclusive o homem.

É sabido, por exemplo, que as "piranhas", esses peixes que são o flagelo dos rios sul-americanos e

O faro das piranhas — A volúpia da mosca — A percepção sutil das borboletas — Os sentidos excepcionais das abelhas

medem apenas trinta centímetros de comprimento, devoram em alguns instantes, com seus dentes possantes e agudos, a carne de suas vítimas — homens, bois, cavalos, etc. — que tenham tido a infelicidade de cair no rio.

Basta, para esses peixes horrivelmente vorazes, que algumas gotas de sangue caiam, mesmo a grande distância, nas águas em que eles se movem, para que se precipitem em bandos numerosos na direção do local em que se encontra a vítima, e aí consumam sua obra de destruição.

Entre os insetos, porém, qual será o órgão do paladar?

As moscas, que frequentam nossas cozinhas, apreciam a qualidade dos alimentos unicamente pelas suas patas, a bem dizer com a sua última articulação, onde se encontram as papilas.

Logo que suas patas entram em contacto com água açucarada, por exemplo, toda a mosca se agita, como se "a água lhe viesse à boca", e ela estende sua tromba para sugar o líquido com volúpia.



Entre as abelhas, as borboletas e entre muitos outros insetos, o órgão do paladar é, do mesmo modo, localizado nas patas.

O americano Anderson, que tem feito inúmeros estudos sobre as borboletas, pôde calcular que as patas desses

bichinhos possuem, a se julgar pela quantidade de açúcar dissolvida na água, uma faculdade de discernir o sabor 1.200 vezes maior do que a da língua humana.

Por seu lado, o professor Frisch, de Munich, apresenta pormenores interessantes sobre o paladar entre outras espécies de insetos.

Entre as abelhas, por exemplo, o sentido do paladar é tão desen-

RECORDE DE LONGEVIDADE

Segundo a observação dos naturalistas o recorde de longevidade pertence aos crocodilos, com 250 anos; depois vem os elefantes, de 150 a 200 anos; as tartarugas, 150; as águias, 100; os cisnes, 100; os corvos, 100; os rinocerontes e os leões, 60; os papagaios, de 50 a 80 anos; os gansos e os camelos, 50; os abutres, 40, os touros e os veados, 30; os asnos, de 25 a 30; os cavalos, de 20 a 25 anos; os porcos, as vacas e os lobos, 20; os gatos, 18; os cães, de 15 a 25; os cordeiros, 15; grilos, canários, pardais e cabras, 10; coelhos, 8; as lebres, os esquilos e as aranhas, 7; as abelhas, 1. Finalmente, as moscas vivem apenas alguns dias. Mas há insetos que vivem apenas algumas horas e muitos que só vêm a luz alguns minutos.

volvido, que elas são capazes de reconhecer uma solução açucarada diluída ao extremo de um por cento.

Por isso mesmo, são as abelhas muito exigentes no que diz respeito à qualidade do nectar que arrecadam.

Sem o auxílio da química, não poderíamos nunca chegar a explicar por que certas flores, muito bonitas e de cores muito vivas, são geralmente desdenhadas pelas abelhas.

Efetivamente, as análises químicas sobre a quantidade de açúcar contido no nectar das flores, há alguns anos, atingiram um grau de perfeição tal, que se pode hoje percebê-la entre certas espécies florais em que o nectar se contém em quantidades tão pequenas que é difficilimo recolhê-lo.

Deste modo, tem sido possível a solução de muitos problemas relativos às preferências das abelhas e das vespas.

Um líquido, em que o açúcar não representa mais de oito ou nove por cento da solução, geralmente é desdenhado por esses insetos. A colheita não paga a pena. E sabemos quanto as abelhas apreciam o valor do tempo e do trabalho. O nectar deve conter pelo menos dezessete por cento de açúcar para que mereça a honra de ser recolhido pelas abelhas.

Entretanto, isto é um mínimo. As abelhas normalmente não se detêm senão, em flores em que o líquido procurado contém de trinta e cinco a cinquenta por cento de açúcar.

Uma pata aplicada ao âmago da flor basta para a informar, graças às papilas que se acham espalhadas na parte inferior dos seus membros articulados.

Quando o nectar contém mesmo setenta por cento de açúcar, as abelhas dele se apropriam com avidez perfeitamente explicável. E os observadores da vida desses insetos puderam verificar que nessas "grandes ocasiões", as abelhas, logo que voltam à colméia, executam uma espécie de dança ritual, congratulando-se ou dando graças a Deus pelo achado.

Além disso, várias experiências têm sido feitas sobre a capacidade dos estômagos das abelhas, a fim de se conhecer a quantidade de nectar que eles podem conter. E tanto mais açucarado é o alimento, mais a capacidade do estômago aumenta!

Assim, para os nectares muito açucarados, tal capacidade chega a cinquenta e sete milímetros cúbicos. E, ao contrário, desce a trinta e um milímetros cúbicos apenas, se o teor do açúcar no nectar é mais fraco.

Tal relato faz-nos pensar que os outros animais são mais perfeitos do que o homem, ou que este é um mau observador de si próprio.



Uma incursão pelo mundo dos colecionadores de selos

DATA de 1842 a reforma do velho sistema postal do Brasil, que vinha dos tempos da colônia. O país ainda estava longe da era ferroviária, que, começando pelas alturas de 1850, só tomaria impulso considerável no último quartel do século XIX. Os serviços do correio eram executados por estafetas que a pé, a cavalo ou por meio de barcas, faziam o trajeto a seu cargo, cortando em todos os sentidos as zonas mais povoadas do território nacional. Para tanto, desfrutavam de todas as garantias, tendo preferência absoluta no uso dos meios de transporte existente em

O serviço de cunhagem — Valor do “ólho de boi” — Os “inclinados” e os “ólho de cabra” — As “escolas” filatélicas — O aspecto comercial da filatelia (De “Digesto Econômico”)

principal, individualizá-los, localizá-los nas pranchas de impressão, valendo-se de suas particularidades, aparentemente desprezíveis. Procura, igualmente, caracterizar os retoques e o desgaste das chapas, e reconstituir as pranchas.

O ASPECTO COMERCIAL DA FILATELIA

Além de simples divertimento ou de atividade cultural, a filatelia é contemporaneamente um negócio. Há firmas que já se especializam na compra e venda de selos. Só em São Paulo sabemos de 15. Aqui, onde já existem grandes e importantes coleções, verificou-se um incremento de transações principalmente nos últimos 10 anos. O número de colecionadores cresce rapidamente, contando-se, por ano, a alguns milhares.

Em todo o Brasil, 50 firmas negociam no ramo, e o seu movimento atinge uma exportação anual de 3.000.000 e uma importação de 6.000.000 de cruzeiros. Noventa por cento desse intercâmbio é feito com os Estados Unidos, onde os selos brasileiros são muito procurados, principalmente em Nova Iorque. Sabe-se que ali uma coleção deles, avaliada em 7.500 dólares, atingiu realmente 15.000 dólares.

O mercado mundial de selos deslocou-se ultimamente da Europa para os Estados Unidos, cujo movimento anual chega a 200 e mesmo 300 milhões de dólares. Em todo o território norte-americano arrolam-se nada menos do que 5.000 negociantes do ramo, sendo que 380 só em Nova Iorque.

Paris, Londres, Amsterdam, Berlim, Nova Iorque foram sempre centros de grande atividade filatélica. Nessas capitais são frequentes os leilões de selos (dois ou três por semana), tendo cada qual um movimento que vai de 10 a 15.000 dólares.

No Brasil, os valores nominais já estão sendo inteiramente superados por ofertas especialíssimas, relativas a determinados exemplares, que chegam a atingir de 20 a 50 mil cruzeiros para evidenciar que o gosto pela filatelia vai num crescendo. De resto, sabe-se que em todo o território nacional já existem funcionando cerca de 40 a 50 clubes dedicados a essa finalidade, com uns 5.000 filiados, além de inúmeros amadores. Só os de São Paulo contam com cerca de 700 membros. Os do Rio de Janeiro vão a 2.000.

São famosas, no país, duas coleções: a de Herman da Fonseca, avaliada em 4.000.000 de cruzeiros, e a do dr. Macedo Soares.

AS FALSIFICAÇÕES

Dados os preços astronômicos a que chegam algumas peças raras, compreende-se que os espertalhões procurem “fabricá-las”, para impingir-las aos colecionadores menos precavidos. O “ólho de boi”, por exemplo, tem sido alvo desses estratagemas.

Eis porque uma das condições exigidas para êxito nos negócios de selos reside na aprendizagem e na experiência, no mínimo de 5 anos. O comerciante que não conhece bem as séries principais, que não sabe como distinguir a “raridade” falsa da verdadeira, estará destinado à falência. Note-se, de resto, que os capitais necessários ao movimento das grandes firmas do gênero são realmente vultosos. A casa Harrys, de Nova Iorque, por exemplo, trabalha com 7 milhões de dólares.

A primeira emissão postal brasileira, que data de 1843, deu nascimento ao famoso “ólho de boi”, no qual os entendidos apontam defeitos, irregularidades, discrepâncias na execução de algarismos, mas que por isso mesmo é considerado “verdadeira maravilha”. O presente artigo procura dar uma idéia da importância crescente da filatelia no Brasil e de seu desenvolvimento comercial

mais elevados. No Catálogo de Selos do Brasil, editado em 1945 pela Filatelia Suíço-Americana, as espécies respectivas têm as seguintes cotações:

Não denteados, papel branco ou acinzentado			
30 réis preto	Cr\$ 1.400	Cr\$ 500	
60 réis preto	Cr\$ 1.000	Cr\$ 400	
90 réis preto	Cr\$ 4.200	Cr\$ 1.800	

Papel grosso			
30 réis preto	Cr\$ 1.600	Cr\$ 600	
60 réis preto	Cr\$ 1.100	Cr\$ 400	
90 réis preto	Cr\$ 4.500	Cr\$ 2.000	

A primeira coluna de preços refere-se a selos novos, em geral sem goma, e a segunda aos usados. A Filatelia Suíço-Americana, ao dar esta informação, julgou também de bom alvitre acrescentar o seguinte:

“Em virtude da grande escassez dos principais selos do Império, devem ser considerados como “nominais” os preços que lhe foram atribuídos no presente catálogo,



O selo “Saudade”

sendo o valor dos exemplares de luxo maior, e sensivelmente menor o da qualidade inferior”.

Como se vê, o “ólho de boi” figura entre os espécimes de categoria. Não, porém, que possua grandes qualidades artísticas. Bem pelo contrário. Os entendidos lhe apontam defeitos, irregularidades, discrepâncias na execução dos algarismos, etc. Mas segundo o dr. Elisiário Bahiana, “a sua própria originalidade torna-os apreciados e fá-los destacar-se de seus similares; na diversidade de chapas e reincisões, retoques e regravações está o encanto mágico que seduz os estudiosos; a dificuldade de localizá-los e, principalmente, a documentação falha de sua origem, estimulando os filatelistas, levam-nos a considerá-los verdadeiras maravilhas”.

OS “INCLINADOS” E OS “ÓLHOS DE CABRA”

Contudo, essa “verdadeira maravilha” teve na prática um destino bem precário. Emitidos em 1843, já no ano seguinte os “ólhos de boi” eram substituídos por nova série, a dos “inclinados”, pois impressos em papel relativamente forte, com muita facilidade podiam ser retirados das cartas, quando não carimbados, ou carimbados insuficientemente, e aproveitados com prejuízo do fisco.

No dia 30 de março de 1846, no pátio da Casa da Moeda, foram queimados num feroçíssimo “auto-

-de-fé” nada menos do que 466.711 “ólhos de boi” dos três valores emitidos, ainda existentes em estoque.

Quanto aos “inclinados”, segundo as determinações oficiais, deveriam ser “em formato menor, em papel mui fino, e com hum collar tal que seja muito difícil arranca-los inteiros”.

Vejam a sua cotação em 1945:			
	Cr\$	Cr\$	
10 réis preto	75	30	
30 réis preto (1.º tipo)	80	40	
60 réis preto	60	25	
90 réis preto	300	200	
180 réis preto	5.000	3.000	
300 réis preto	7.000	4.000	
600 réis preto	7.000	4.000	

Estes preços se referem aos não denteados, papel cinza levemente azulado ou amarelado. Os em papel grosso são assim cotados:

Cr\$ Cr\$			
30 réis preto	350	250	
60 réis preto	100	60	
90 réis preto	450	300	

Há ainda, destes “inclinados”, um segundo tipo de 30 réis, cotado a 75 e 40 cruzeiros, e uns de 90 réis, que apresentam um pequeno traço preto abaixo do zero e cujo valor nominal anda por 350 e 200 cruzeiros.

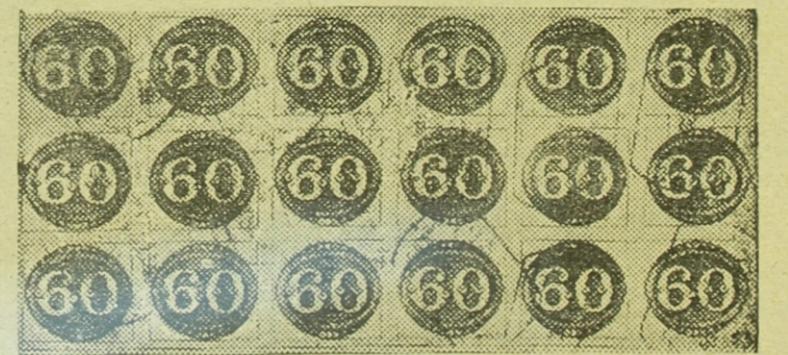
Depois desta emissão o Império, em 1850, lançou selos de algarismos verticais, logo em seguida, em 1854-1861, de outra do mesmo feitio. São os chamados “ólhos de cabra”, todos bem cotados comercialmente, embora não cheguem aos preços excepcionais dos anteriores.

AS “ESCOLAS” FILATÉLICAS

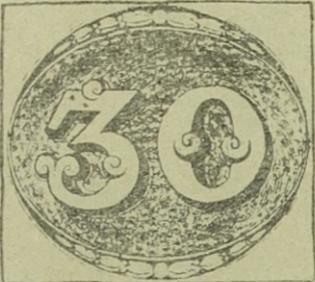
Em artigo sobre “As pranchas dos “ólhos de boi”, H. Flatau classifica as diversas “escolas” filatélicas conhecidas. A primeira a que se refere é a francesa. É a mais antiga e generalizada. Predomina no Brasil. Tem por objetivos apenas o colecionamento de peças cuja raridade e beleza deleitam o seu possuidor. Não tem grandes preocupações científicas. Restringe-se em enumerar os selos em ordem crescente das taxas, formando séries, e sem grande consideração pela ordem cronológica. Anexando-se a esta numeração diferenças de fácil apreensão por parte do leigo, como as relativas aos denteados ou matizes nas cores, quando bem pronunciadas. A estas características se dá o nome, bastante impróprio, de “variedades”, sem se indagar de onde e como procedem.

Outro inteiramente é o espírito da “escola” alemã. Ela procura imprimir à filatelia um caráter decididamente científico. Considera-a um misto de história e ciência natural. Nela, a classificação ocupa um lugar de primeira plana, sob a influência da classificação natural da botânica. A questão ornamental cede assim a sua primazia, observável na “escola” francesa. Esta orientação reclama exame de todos os elementos do selo, desde os métodos de impressão e de fabricação do papel até a composição e aplicação das colas.

Quanto à “escola” inglesa, a que pertence o já citado Napier, volta-se de preferência para as chapas e pranchas dos selos, principalmente dos gravados e litografados. Tem assim, por finalidade



Este bloco de “olhos de boi” é da coleção do filatelista Fonseca Mendes e vale 200 000 cruzeiros.



O “ólho de boi”

determinada região. Podiam mesmo requisitar a cooperação de particulares para a condução de suas malas.

A 29 de novembro de 1842, o Decreto n. 255 veio estabelecer novas normas para a atividade postal. Tinha-se em vista, além de outros objetivos acessórios, este, que não podia deixar de ser essencial: a elevação do porte para fazer face ao “deficit” da repartição competente, cuja receita se elevava apenas a oito contos de réis.

O artigo 5.º do aludido Decreto estipulava textualmente: “Serão o fixados nos sobrescritos tantos selos quantos perfizerem a importância do porte da carta, ou papel, que remete”.

Tratava-se de uma inovação. Apenas um país no mundo já usava tal sistema para fixação das taxas devidas ao detentor do privilégio dos correios — no caso o Estado. Nessas circunstâncias é que foram formuladas oficialmente as bases para a emissão do primeiro selo postal adesivo aparecido no Brasil.

O SERVIÇO DE CUNHAGEM

Antes de mais nada, tratou-se do serviço de cunhagem para a impressão posterior das pequenas peças de papel. A Diretoria Geral dos Correios, de acordo com Max Fleiuss (“História Administrativa do Brasil”, segunda edição, pág. 204) funcionava desde 1829, no Rio de Janeiro, à rua Direita, na vizinhança da antiga Casa dos Governadores. Compunha-se então de um diretor-geral, um oficial-maior, dois oficiais e dois amanuenses. As funções do primeiro cargo tinham sido atribuídas ao conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, falecido em 1845.

Contudo, não foram a esses funcionários que se deu a missão de elaborar o primeiro selo do Brasil, e sim ao mestre da oficina de gravuras da Casa da Moeda, Carlos Custódio de Azevedo, que preparou as matrizes e chapas de impressão. Secundou-o na tarefa o seu auxiliar Quintino José de Araújo.

Supõe-se que o modelo apresentado (veja-se a propósito artigo de Paulo Aires e F. da Nova Machado, “in” “Boletim Filatélico Bandeirante”, vol. II, n. 4, de 1 de agosto de 1943) houvesse sido um dos selos da Inglaterra emitidos em 1840, posteriormente recusado e substituído por outro de falsificação mais difícil.

Aquêles dois modestos artifices, Carlos Custódio de Azevedo e Quintino José de Araújo, dando execução a uma tarefa burocrática, mal poderiam imaginar que o seu trabalho iria, quase um século depois, constituir objeto de graves e minuciosas pesquisas. Com efeito, filatelistas de renome, pertencentes à chamada “escola inglesa”, passaram a estudar os processos técnicos com que se prepararam os selos da primeira emissão bra-

sileira. Verificaram que foram estampados, por chapas gravadas, com o emprêgo de dois recursos: a máquina de gravar a tórno e o buril. A primeira produziu o fundo sobre que o segundo, manejado a mão, foi insculpindo os algarismos, os ornatos e linhas de contorno.

A incisão correspondente aos números — 30, 60 e 90, no caso designando réis — não podia ter sido realizada diretamente. O gravador teria que encher os sulcos do guilochê, constituído de ornatos de traços ondulados, entrelaçados com simetria, para servir de fundo, cujos corpos brancos se destacam. Verificou-se, portanto, um transporte parcial nas matrizes, com um processo simultâneo de inversão.

Os estudiosos do problema chegaram à conclusão de que houve três matrizes primitivas, uma para cada valor emitido. Desta verificação passou-se a outra: os algarismos 30, 60 e 90 foram dispostos numa chapa única. Segundo as observações de C. L. Pack, uma tira vertical contivera dois selos de 30 e um de 60 réis. Isto provava que as chapas eram mistas. Estavam neste ponto as pesquisas a respeito, quando em 1910 o tenente-coronel George S. F. Napier iniciou uma série de trabalhos, a princípio com a colaboração de Stanley Mann, que o levaram a reconstituir as pranchas de gravação. Conseguiu, assim, determinar que os painéis dos três valores tiveram as mesmas dimensões e contiveram 18 selos cada um, dispostos em 3 filas de 6. Subsistiam, contudo, outras questões, que asseveravam Napier como verdadeiros “quebra-cabeças”. Sómente em 1920 o meticoloso inglês conseguiu restaurar uma prancha de que proviera certo bloco de vinte selos de 60 réis distribuídos em 10 filas de 6. Quatro anos depois publicou um grande livro. Nêle registara todas as suas descobertas. O texto era acompanhado de 40 épuras com reprodução de pranchas. Título da obra: “The stamps of the first issue of Brazil”.

Trata-se, contudo, de obra quase inacessível ao leitor comum, não apenas pelo seu caráter especializado, como também porque, escrita em inglês, teve uma tiragem limitada a 200 exemplares, custando duas e meia libras esterlinas, preço acima das possibilidades médias do brasileiro.

Tarefa muito mais suave foi a de Francisco T. Sanchez, que editava, em 1912, o “São Paulo Filatélico”. Dirigiu-se por carta ao diretor da Casa da Moeda e pediu informações minuciosas a respeito da emissão do primeiro selo imperial. A resposta não tardou. A primeira chapa ficara pronta em 29 de abril de 1843. Ordenou-se a 19 de maio seguinte o início da impressão, feita nas oficinas da Estamparia das Apólices. Gravaram-se seis chapas, sendo 3 com 34 selos dos três valores e formadas por 9 carreiras de 6 selos; 3 carreiras de cada valor, uma com 60 selos de 30 réis e duas com 60 selos de 60 réis. Foram impressos 1.148.994 selos de 30 réis, 1.502.142 selos de 60 réis e 349.182 selos de 90 réis.

O tenacíssimo Napier, apesar de suas visões exaustivas, não conseguira tanto, tendo apenas, como tivera, por ponto de partida, uns tantos “ossos de Cuvier”. Pode ser também que, para a sua mentalidade de filatelista, os resultados assim obtidos, pela via prosaica de um simples ofício de informação, não oferecessem méritos especiais nem encantos de vitória.

VALOR DO “ÓLHO DE BOI”

Esta a história do primeiro selo postal brasileiro, conhecido vulgarmente por “ólho de boi”. O nome lhe foi dado, com um largo senso de pitoresco, por lembrarem os seus algarismos o globo ocular daquele quadrúpede. Hoje a sua fama é internacional e o seu valor, para os colecionadores, dos

Lúcia Suané está contando histórias

A mula sem cabeça é uma coisa realmente viva — Não tem nada de lenda nem de invencionice — Eu acredito nela, mesmo sem nunca tê-la visto — Um entêrro em que o defunto apanha para ficar mais leve — Uma pintora que faz milagres — “Chega, Irmão das Almas!”

Os quadros de Lúcia Suané são como um acalanto de histórias velhas. Vêm dos confins das gerações, de mãe-preta a mãe-preta, contados para amedrontar nenês de todas as idades.

Eu as ouvi, por muito tempo, durante as noites chorosas de minha infância, quando o enjamento me tornava ainda mais antipático. Esgualhava os olhos de medo, me via rodeado de todos aqueles fan-

Vem aqui, menininho. Deita a cabeça no colo da madrinha e ouve a história da mula sem cabeça...

Era uma vez... A história é verídica, meus senhores. Não tem nada de lenda, não tem nada de invencionice. A mula sem cabeça existe ainda pelos socavões crestados do nordeste, existe em São Paulo, existe no mundo todo. Eu nunca a vi, mas

leque como está erigido — parece um porco espinho. Pois meus senhores, a mula sem cabeça existe. Suané que o diga... Seu pai, velho senhor de engenho, já botou

ra. Quase todos levam facas à cintura. E o que vai atrás, carregando a rêde, segura vasto cacete, com o qual vai dando valentes varadas no defunto. Não sabem para que batem no defunto? Pois é para ele ficar mais leve. O defunto que apanha bastante fica mais leve e encurta a caminhada para o cemitério.

No Riacho do Meio, frente ao imenso canal, nós nos sentava-

sentávamos. Eram os sempre dezoito, fora as visitas. Basta ver o quadro de Suané, aquela vasta mesa, para saber como é no nordeste e em grande parte do norte. A história é toda contada pela pintora, com um carinho que só ela sabe dispensar às coisas de sua terra, da velha terra dos engenhos.

Estou vendo o carrossel, as vendedoras de puxa-puxa, o homem com as cabaças de garapa e

★
Texto de

ARGEU RAMOS

★

uma delas na canga. A taca comeu a noite inteira. No outro dia, dona Metolina, a dama do padre, estava de cama, moída... como se tivesse levado surra. E tinha levado mesmo.

*

Mas eu já ia me perdendo na contemplação única deste quadro de Suané. E ela apresenta muitos outros.

Vejo, por exemplo, este “Chega, Irmãos das Almas!” Que coisas conta ele? — perguntarão. Pois, não sabem? Eu lhes conto. Isto é um entêrro, sem organizações de luto, nem nada. É um entêrro de gente simples, que viveu entre as queimadas e os hirsutos matagais. Eles, os amigos, levam-no ao cemitério. Há uma vara comprida e atada a ela uma rêde, onde está o defunto. Eles vão gritando: “Chega, Irmãos das Almas!” Vão gritando. Gritando e correndo. O menino leva umas flores de mangericão ou mata pasto grande. Um camarada leva uma faca à cintu-



A legendária “mula sem cabeça”

tasmias milenares e os cabelos entendiam que a cabeça fazia parte dos lugares por onde andavam as almas penadas.

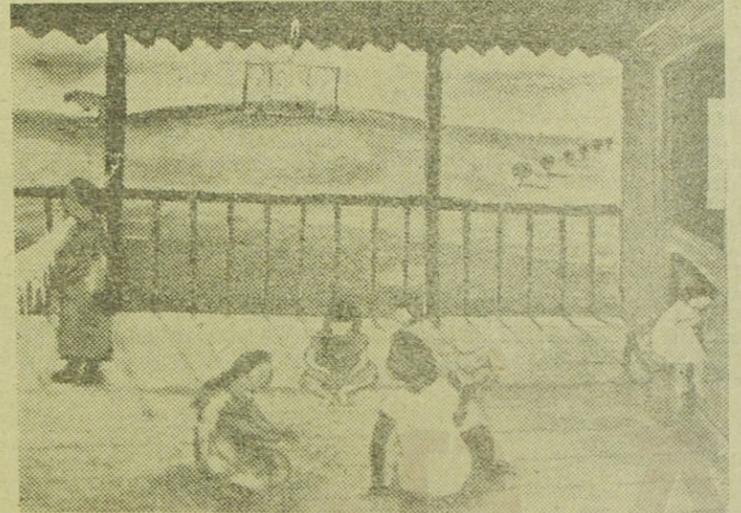
— Eééé... ôôô!...

O eco sonâmbulo, o eco de minhas próprias visões se projetava pelas quebradas, corria grotões assombrados, subia morros solitários, batia nos paredões do infinito e voltava ainda mais amedrontado.

Eu ouvi todas as histórias que Lúcia Suané hoje conta. Encerravam elas, então como agora, a ingênua credulidade de todos nós, os nossos meninos, o mesmo toque de surpresa extraordinária que a pintora neste momento lhes empresta.

Eu me faço menino de novo, diante dos quadros de Suané. Tenho a impressão de que são meus, de que todas essas histórias bem bonitas, histórias encantadas, sou eu quem as está contando.

acredito nela. Dizem que foi uma “Dama de padre” que encantou certa noite em que matou o filho recém-nascido. O menino morreu pagão. A mãe cortou-lhe a cabeça, para que não fôsse possível a identificação. E veio o castigo. Aquela castigo trágico que se atirou por cima de tudo quanto é “Dama de padre”. De quinta pra sexta elas já sabem o que vai acontecer. Pegam uma rodilha e sobre ela deixam a cabeça, na beira do poço ou perto de uma “coroa de frade”. E então viram mula sem cabeça. Atiram-se pelo campo feito loucas, amedrontando os outros animais, levantando o cabelo dos notâmbulos. Aquele pedaço de lua que a gente vê no céu é a lua nova, quando elas aparecem mais frequentemente. É um fantasma feio, uma coisa hedionda, uma mula sem cabeça. Todo mundo corre e se abriga. Olhem o cabelo do mo-



A varanda da Casa-Grande

mos no chão batido, enquanto minha mãe acalentava o nenê. A paisagem é a mesma de Suané. Parece que essas paisagens são como pingos de cêra de velas mortuárias. As mesmas, extraordinariamente iguais. E minha mãe cantava como parece cantar a figura que Suané pintou:

Nãna, nenen,
Que o bicho logo vem...
Papai foi na roça,
Mamãe logo vem...

Há até a gaiola. A gaiola de buriti, onde a asa branca, pelas longas tardes quentes, canta sonolentas e tristes canções de saudade.

*

Meu pai tomava a cabeceira da mesa e só depois nós outros nos

vendedor de balões. Tudo isto estou eu vendo nos admiráveis quadros de Suané, que realizou o extraordinário milagre da ressurreição. Este velho e cansado espírito, este decepcionado homem sóto no universo triste, se fez de repente menino e teve medo da mula sem cabeça. Sim, eu estou com medo da mula sem cabeça, e nem aquela Nossa Senhora que vai sendo levada em procissão, com os anjinhos, o padre e a Verônica, ninguém me pode arrancar esse medo danado que me arregala os olhos e empina os cabelos.

Seria necessário que minha mãe viesse e cantasse a cantiguinha gostosa, embalando a minha rêde:

Dorme, dorme filhinho...
Meu anjinho inocente...

O ESPELHO - invenção veneziana?

★

Não é difícil, mas quase impossível dizer-se com segurança quando foi inventado o espelho. O mais possível é que nossa mãe Eva se tenha debruçado sobre um arróio ou um lago para contemplar a formosura do seu rosto ou a beleza do seu corpo. As primeiras referências precisas que se têm a respeito, são as que aparecem na Bíblia, segundo as quais os vidros para as abluções que os hebreus levaram ao tabernáculo haviam sido fabricados com os espelhos das mulheres. No interior das tumbas egípcias, gregas e fenícias foram encontrados espelhos de metais, principalmente de bronze, enquanto que numa antiquíssima sepultura de Sparta encontrou-se um disco de metal muito parecido com o aço e tão brilhante como a prata polida. Em Roma, capital do mundo antigo, as matronas patrícias empregavam duas espécies de espelhos: alguns de cobre, de forma convexa, perfeitamente polido, e outros formados por dois discos unidos por um gonzo minúsculo.

Narrações de diferentes autores mostram que os povos da antiguidade usavam certa classe de pedras que, sem polimento, podiam competir com certa espécie de “cristalino” que atualmente se emprega na indústria mobiliária.

Plínio, por exemplo, fala de uma valiosa esmeralda que Nero utilizava à guisa de espelho. A maioria dos exploradores do arquipélago malaio assegura que ainda existem tribos inteiras que usam determinada espécie de lava negra, à moda de espelho.

O evidente, o que não deixa lugar a dúvidas, é que o espelho, tal como o conhecemos, foi inventado em Veneza e de lá levado para a França por Colbert.

Notícia histórica sobre Casa Branca

Os primórdios da povoação datam de 1810. Fundaram-na os irmãos Lara, primeiros povoadores da Estiva, o padre Francisco de Godoi e José Antônio de Almeida, os dois últimos procedentes de Itú. O pouso, pequena casa criada à tabatinga, erguia-se no sopé da colina, à margem da estrada real. Era a rancharia de um certo Nazaré, hospedeiro de viajantes. Quem na primeira década do século passado, demandasse as províncias de Goiás e Mato Grosso, havia de passar por esse sítio, então chamado pouso de casa branca. Era ele o átrio da zona sertaneja. As caravanas do sertão, partindo de Mogi Mirim, vinham ter ao pouso, onde pernoitavam, para, depois, reencetarem a marcha, rumo do Oeste.

Em 1811, fôra rezada pelo Rev. Francisco de Godoi no arraial nascente, a primeira missa. A carta régia de 12 de dezembro de 1814 elevou-a à Freguesia, com a invocação de Nossa Senhora das Dóres. Em 1815, o governador da Capitania, D. Francisco de Assiz Mascarenhas, conde de Palma, ordenou a vinda de famílias açorianas e estabeleceu em Casa Branca um núcleo agrícola. Para esse fim, doara o coronel José Vaz de Carvalho uma sesmaria de terras, medindo uma légua de frente por duas de fundo. Eram vinte famílias açorianas. Logo ao chegarem, desanimadas ante

as gigantescas árvores que eram forçadas a derribar para o amanho da terra, pediram, consoante o depoimento de Saint-Hilaire, a D. João VI, permissão para se retirarem de Casa Branca. O rei fez-lhe mercê. Os açorianos foram removidos para Curitiba, ficando alguns em Santos, na antiga fazenda dos Jesuítas.

Casa Branca, com a saída dos açorianos, ficara quase deserta. Entretanto, desenvolveu-se rapidamente a povoação, em virtude da sua situação especial, na estrada que levava aos sertões de Goiás e Mato Grosso. Elevou-se à categoria de Vila pela Lei Provincial de 25 de fevereiro de 1841. Depois, à de Cidade pela Lei Provincial n. 22, de 27 de março de 1872, e à Comarca, pela Lei n. 46, do mesmo mês e ano.

VENENOS

Os mais fortes e mais poderosos venenos são puramente de origem vegetal. Assim sucede, por exemplo, com o curarê, que produz os seus efeitos na dose de um centimiligramo. Os venenos mais violentos e as substâncias que produzem efeitos piores no estômago são pertencentes ao reino vegetal. As drogas minerais que envenenam são relativamente poucas e numerosas.

As mulheres e os perfumes

Segundo a opinião de um conhecido perfumista francês, há poucas mulheres que saibam, realmente, a maneira de se perfumar, e o perfume que mais lhes convinha.

Há muitas mulheres que gastam rios de dinheiro em perfumes caros, convencidas de que todos os perfumes as favorecem, usando-os em todas as horas e para todas as ocasiões.

★

INUTILIDADE

A marechala de Lefebvre, conhecida por “Madame Sans-Gené”, possuía um coração de ouro, mas era a criatura de maneiras rudes e primitivas. Certa ocasião, em que comprou um palácio, percorria com a caseira todos os aposentos quando deparou um grande salão cujas paredes estavam forradas de estantes.

— Que vem a ser isto? — perguntou.

— Aqui é a biblioteca — respondeu a caseira.

— E para que essas estantes?

— Para pôr os livros.

A marechala meditou um instante e depois exclamou:

— Eu não leio e meu marido não tem tempo para essas coisas. De hoje em diante esta sala ficará sendo a despensa...

Dizem os perfumistas que os perfumes leves convêm às louras e devem ser adoptados para o desporto e para a rua em geral, enquanto que os perfumes mais pesados se adaptam melhor às morenas e devem ser os preferidos para a noite. Também é um fato bem conhecido que há perfumes, cujo aroma se modifica em contacto com os vários tipos de pele em que se aplica.

Os perfumes nunca devem ser deitados sobre o vestuário, visto que o seu cheiro se pode deteriorar e tornar desagradável. Deverá aplicar-se, o perfume, levemente, no lóbulo da orelha, sobre o cabelo, no pescoço, ou muito suavemente no lenço e na roupa interior. As mulheres nunca deverão usar perfumes em excesso, porque tal excesso deixaria de ser sutil, de modo que ainda que o perfume fôsse muito fino o seu aroma tornar-se-ia ordinário e vulgar.

A pessoa que se perfume deixa de sentir o aroma que traz consigo, pouco tempo depois de o ter aplicado, mas as pessoas que a rodeiam, senti-lo-ão em toda a sua intensidade.

Os perfumes das flores são geralmente os mais finos. Podem mesmo combinar-se com os aromas de duas ou mais flores, para se conseguir uma essência mais delicada e nova; para que esta seja duradoura, convém juntar-lhe umas gotas de almiscar ou de âmbar.

O S Lefebvre atravessavam uma hora lúgubre, uma dessas horas de fim de mundo, em que só se espera a morte. Tinham comido apenas pão sem manteiga — uma libra para cinco pessoas. Um crepúsculo vermelho cobria o quarto pobre em que havia somente duas cadeiras estripadas, uma velha mala, servindo de mesa, e três colchões com os intestinos de palha à mostra. Jacques Lefebvre roía-se por dentro, com a cabeça entre as mãos, incapaz de compreender o encarniçamento da sorte adversa.

Três meses de doenças, quatro de procura de emprêgo, a terrível caçada na floresta social, homens ásperos como feras e tão indiferentes como as árvores, as pedras e as águas. Em tempos de miséria, tudo é miséria. É a avalanche que arrasta as outras avalanches. Jacques e a mulher haviam lutado com toda a sua frouxa energia. E essa energia havia-se quebrado a cada volta da estrada.

Aqui e ali, de quando em vez, um trabalho fugitivo, um magro lucro logo esgotado, enquanto que o humilde mobiliário se vai acabando peça por peça. Apenas um parente, e esse, rico e implacável, alma de avarento, gelada, inexorável, que as suas súplicas fizeram estremeecer, mas de enfado e impaciência. A morte? Jacques olha a sua mulher pálida, de faces encovadas, cujos olhos se fizeram si-

instrumento, a pena, e o servo de obscuras papeladas...

— A sorte mudará! — murmura a senhora Lefebvre com voz fraca. Mais um pouco de coragem, meu pobre amigo!

Na sua alma de mulher, o otimismo é mais profundo. Ela aceita os azares, essas circunstâncias absurdas que turbilhonam em torno das criaturas e que descoroçoam a lógica de Jacques. Entretanto, a sua força está nas últimas. Mais alguns golpes e, como ele, a pobre senhora lamentará a vida. Abraça e beija as filhinhas, num gesto de proteção, ao passo que Lefebvre chama a si o pequenino Pierre, de olhos febris, que tiritava, que parece mais vibrante que de costume e que abraça o seu protetor com uma violência selvagem.

O crepúsculo amontoa as suas belas mentiras entre as nuvens. A claridade vai decrescendo no quartinho humilde...

A campainha da entrada vibra. Todos têm um sobressalto. É a voz de fora, a voz que traz misteriosas notícias. É o temor e a esperança: ameaça ou promete, feroz ou consoladora, tão selvagem como um berro, acariciadora como o sussurro das fontes.

Tremendo, a senhora Lefebvre encaminha-se para a porta. É um homenzinho seco e franzino, glabro como um ator, dotado de umas pupilas que ao mesmo tempo veruramam e fogem.

Depois, Jacques emitiu um grito rouco em que se percebia uma enorme libertação — e a face muda da senhora Lefebvre não exprimia outra coisa.

O recém-chegado teve um gesto de desapontamento:

— Não esperavam a notícia, não é?

— Não, — respondeu gravemente Jacques. Nós a esperávamos tanto como a um terremoto...

— São os únicos parentes? — Somos. Eu e minha mulher somos os únicos parentes do morto no mesmo grau.

— Por consequência, os únicos herdeiros do senhor Celestino Lefebvre. Estão certos disso?

★

Conto de

J. H. ROSNY AINÉ

★

— Absolutamente certos.

— Muito bem! — declarou lentamente o temível homúnculo. A sua situação é grave.

— Já falar, quando as suas pupilas se fixaram nas crianças. Mordeu o lábio.

— Desejava dizer-lhes algumas palavras em particular, disse ele cortemente.

Jacques avançara para o homem. A sua palidez era ainda maior. A

Então, a contragosto, ele decidiu-se a obedecer e levou as meninas.

— Estamos sós, murmurou Jacques. Que quer o senhor dizer?

— Quero dizer, declarou o homem com a mesma impressionante lentidão, que pesa sobre os senhores uma acusação formal.

Lefebvre deu um salto?

— Uma acusação? Sobre mim?

As mãos e os joelhos tremiam-lhe. A cólera fazia-lhe palpar as têmporas. Viam-se palavras a agitar-lhes os lábios e a perderem-se num murmúrio.

Conseguiu articular:

— É um absurdo e uma infâmia!

— E uma imperdoável covardia! — declarou a senhora Lefebvre, falar assim sem uma base!

— Não sou eu quem os acusa, declarou quase melancolicamente o homem, é o próprio morto!

Um silêncio, Jacques e a mulher, cabisbaixos, sentiram sobre eles uma ameaça obscura. Aquela hora, que devia ser a hora da libertação, iria ser mais feroz que as outras?

A senhora Lefebvre foi a primeira a reagir:

— Quem é o senhor? — indagou do visitante. Em nome de quem e de quê vem atormentar-nos em nossa miséria?

— Sou André Maurain, inspetor da Segurança! — declarou ele, friamente.

A resposta era esperada. Não trouxe maior comoção aos infeli-

— Suas observações são lógicas, murmurou ele — demasiadamente lógicas! E não encontra o senhor, na verdade, outro meio pelo qual se pudesse impedir a vítima de fugir?

— Há um! — interveio ousadamente a senhora. Ao fugir, o assassino teria tido tempo de fechar a porta à chave!

— Justo! — exclamou Maurain, com todos os músculos do rosto crispados pela atenção. Mas a vítima podia abrir a janela...

— Senhor! — exclamou a pobre senhora com desprezo, não o nos tente lançar numa armadilha! Todas as janelas da casa do nosso tio são guarnecidas de grades de ferro. Portanto, mesmo no andar térreo, ele não podia sair!

— A senhora está bem informada, minha senhora! — notou friamente Maurain.

— Infelizmente, é verdade! — interveio Jacques. E o senhor bem vê que não ocultamos nada. Em resumo, nosso tio devia estar só... com toda certeza chamou alguém... depois, vendo que ninguém aparecia...

— Pelo menos, não quis que o crime ficasse impune! — terminou rudemente o inspetor.

— Mas não poderia ter-nos acusado!

— Acusou-os, sim!

— Em termos formais?

O detetive não respondeu. Cruzara os braços. Refletia. E afinal, num tom distraído:

A flexa envenenada

nistros, como achatados nas órbitas. Olha para as duas filhas, que deixaram de crescer e mostram a pele de papel sobre os ossos precários e o menino herdado do seu amigo Houel, que ele se habituou a considerar seu próprio filho. Essa pobre criatura, além da fome e da miséria, é roída por outro mal e esse hereditário, a que não pode escapar...

— Então, acabou-se tudo? Sonha ele alto... Quando há tanto pão, tantas riquezas!

Lamenta não ser um artesão. Imagina que os que trabalham com os seus braços descobrem recursos desconhecidos, ao passo que um escriturário, com o seu único

— Tenho a honra de falar ao casal Lefebvre? — indaga ele com voz fanhosa, depois de um olhar que "arranhou" os rostos.

— Sim, senhor! — respondeu a senhora, com lassidão.

— Bem! Muito bem! — fez o homenzinho, entrando a passos miúdos. É que tenho uma notícia grave a dar-lhes...

Deteve-se. Pareceu escutar o silêncio dos infelizes, um silêncio ávido e boquiaberto. Depois, descarregou o golpe:

— Morreu o seu tio Celestino Lefebvre!

Seus olhos arredondaram-se, como que a fotografar as atitudes.

Foi a princípio uma surpresa parecida com o terror.

senhora Lefebvre mostrava um rosto crispado, mas contudo mais calmo que o do seu companheiro.

— Pierre! disse ela, vontando-se para o menino. Vá passear com as crianças, meu filho. Quanto tempo será necessário? — indagou do desconhecido.

— Uma meia hora, talvez, minha senhora!

— Ouviu, Pierre? Vá meu filho!

Pierre hesitava. Uma emoção terna e violenta vibrava em sua boca. Mostrava-se em extremo nervoso, parecendo querer precipitar-se diante de Lefebvre.

— Vai! — repetiu a senhora Lefebvre.

zes, mas fê-los sentir melhor o frio de aço da situação. Deu-lhes até mais firmeza, por um fenômeno psíquico bem conhecido, que desde a infância torna a maior parte dos homens mais assustados diante de um perigo obscuro que de um definido.

— Se bem compreendi, disse Jacques com voz sumida, o nosso tio acusou-nos antes de morrer... Isso me parece quase impossível... a menos que seja um caso de delírio!

— Ele não disse. Escreveu-o!

— Ainda compreendo menos. Como pôde escrever, se morreu assassinado? Não creio que isso seja um segredo.

— É acaso isso um segredo para o senhor? — perguntou maliciosamente o policial.

— O senhor deve ter alguma experiência dos homens! — gritou Lefebvre com veemência. Olhe-nos bem, senhor, ouça-nos. Estou convencido de que não temos cara de assassinos!

— Não! — disse francamente Maurain. Mas se o senhor houvesse estado alguns anos na Segurança, saberia que quase sempre são os inocentes que têm cara de culpados e os culpados os que têm modos de inocentes!

— Seja! Em todo caso, como a sua pergunta não nos perturbou, creio que o senhor pode passar adiante. Como foi assassinado o nosso tio?

— Ferido com uma flecha envenenada pelo curare. Isso não lhe diz nada?

— Realmente, meu tio viajou muito e colecionou armas exóticas. Pode ser que a flecha lhe pertencesse.

— É exato. Foi surpreendido, no momento em que examinava uma parte da sua coleção, por alguém que estava bem informado, como o senhor! E isto só, à falta de outra prova...

— Compreendo! — interrompeu Jacques com amargura. E ao ser ferido, escreveu para me acusar? É fantástico!

— Por que?

— Pois não devia ele cuidar primeiro de pedir socorro? E depois fazer vir um médico?

— E se o assassino o impossibilitou de fazê-lo?

— Mas, como? Teria sido necessário amarrá-lo, deixando-lhe uma das mãos livres, com tinta e papel ao seu alcance!

O inspetor fez de novo aquele olhar com que os homens da sua profissão tentam perturbar os que eles inquirem.

— Afinal de contas, sempre é melhor confessar!

— É absurdo! — gritou Jacques, encolerizado. Não acreditamos que o senhor nos julgue culpados. Faça o favor de dizer-me o que continha a declaração do meu tio... porque, de qualquer modo, acabarei por conhecê-la.

— Seja! Ela continha estas quatro palavras: "Foram meus herdeiros que..."

— É tudo?

— Tudo!

— Não é uma acusação... sobretudo, não é uma acusação formal...

— O senhor acha? Pelo que vejo, é exigente!

Novo silêncio. Afinal, Jacques continuou, com grande calma:

— A que horas foi cometido o crime?

— Entre as duas e as três da tarde.

— Pois bem, senhor! Entre as duas e as três da tarde, fiz três visitas sucessivas, todas elas no 17.º distrito... a negociantes. O primeiro recebeu-me às duas horas e poucos minutos, o segundo às três e meia e o terceiro antes de quatro horas. E estive à espera, nos vestíbulos. Como o crime se passou em Gentilly, a impossibilidade deve parecer ao senhor suficientemente demonstrada.

— Quanto a mim, acrescentou ironicamente a senhora Lefebvre, considerando que devo ser tão suspeita quanto meu marido, posso fornecer *alibis* de igual precisão. Vamos dar-lhe o nome das pessoas cujos testemunhos apresentamos. Se o senhor tem consciência, deve agir sem demora; seria cruel deixar na incerteza pobres infelizes que morrem de miséria!

Essas últimas palavras, pronunciadas com uma patética simplicidade, comoveram positivamente o inspetor. A astúcia, a frieza, desapareceram por um momento da sua voz e do seu rosto.

E ele respondeu delicadamente:

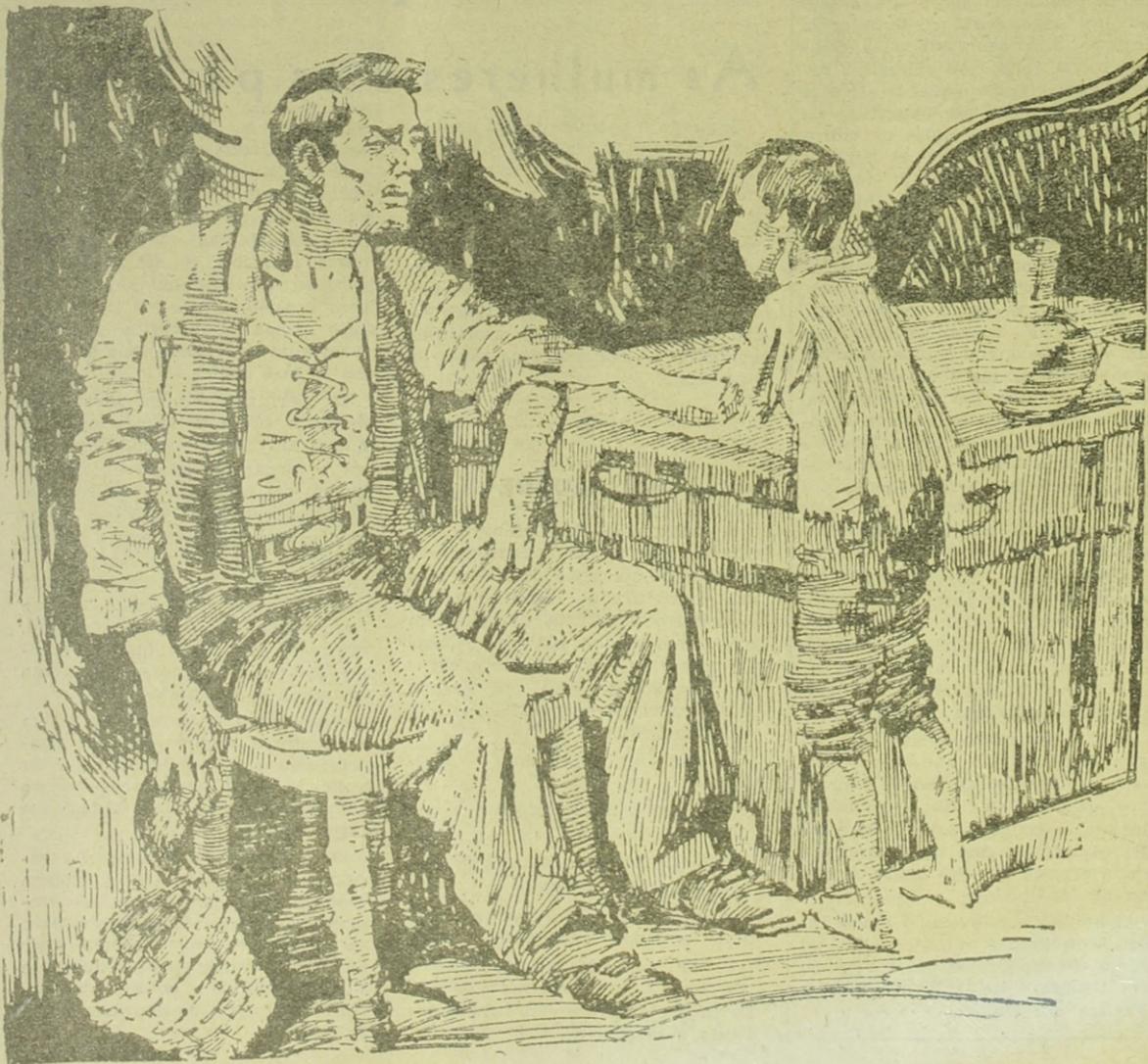
— Prometo-lhes que vou agir com a maior presteza possível. Começarei o meu inquérito hoje mesmo, à tarde. Entretanto, peço-lhes que não saiam senão para irem aos seus fornecedores, até que eu haja verificado as suas informações. Se não forem culpados...

— Nós somos inocentes! — declarou Jacques, num tom profundo.

O inspetor tomou rapidamente os nomes e os endereços úteis.

— Para agir com absoluta eficiência, eu necessitaria da sua pre-

[Conclui na página seis]



A VINGANÇA DO CORSO

A lua cheia inundava a fileira de cactus com sua luz dourada. As sombras das figueiras carnudas, que se enfileiravam pelo campo, pareciam de tinta pelo contraste.

As chuvas da estação tardavam e a terra toda seca, endurecia, rachando-se.

A noite estava pesada, sufocante. Perfumes capitosos e acres desprendiam-se, algumas vezes em rajadas, da floresta tropical, que cercava a clareira.

A ressaca segredava muito perto, na margem arenosa do golfo de Maraibe.

Os primeiros contrarfortes de madeira da ponte de *Gallinas*, destacavam-se como o chanfraduras, à retaguarda dos picos cobertos de neve da Serra Nevada, que também se projetava em silhueta sobre os céus.

Sob um telhado de folhas de palmeira, disposto como um alpendre, sobre quatro estacas, encontrava-se uma mesa grosseira cheia de pedaços de carne.

Uma vela de sêbo, colocada num frasco barrigudo iluminava o ambiente e a chama se elevava, direita, sem oscilar, pois nenhum vento perturbava a atmosfera noturna.

Sob um telheiro vizinho, um grupo de venezuelanos movia-se à volta de uma cozinha primitiva.

O coronel Porfirio Paz, encarregado da repressão do movimento autonomista da província de Mérida, limpava com as costas da mão a gordura que manchava seus lábios e arrotava estrondosamente.

Era — apesar do seu nome ter a consonância portuguesa — mestiço, onde o sangue índio dominava francamente sob a corpulência massiça, e se firmava na expressão dos traços.

Esperava encontrar *rum* na casa dos pescadores, mas ficou decepcionado, tendo de comer sem ter outra coisa para beber, além da água salobra e limosa dos velhos poços.

Isso não era, em suma, mais do que uma desilusão, depois de tantas naquela caminhada.

Pela manhã, os chefes dos "rebeldes", cercados por seu destacamento, foram obrigados a fugir, sem conseguir se reunirem, até a fronteira colombiana.

Fronteira ou não, o coronel não era homem para se deter em tais ficções geográficas. E, embora fora do território nacional, a vila de Apuna foi sitiada, e atacada por ele ao cair da tarde.

Fez prisioneiros, houve pilhagem por toda a parte.

Varejaram choupanas, com o pretexto de procurar os fugitivos. Uma velha que fugia tranziada de terror, foi morta à bala.

Queimaram cabanas, interrogaram todo mundo, sem resultados apreciáveis.

Porfirio Paz abanava-se com um leque feito de delicadas fibras de palmeira, meio voltado sobre a cadeira, esquadrinhando com os olhos a sombra espessa de uma tamarineira, que à sua direita se alongava, e cuja folhagem circundava a choupana.

Aquela fôrma não era senão o corpo do chefe da povoação, o cacique, um velho grande e magro, pendurado pelos pulsos, e amarrado com uma correia, de tal sorte, que seus pés não podiam alcançar o solo.

— Creio que o venerável *señor* Automacchi já teve tempo suficiente para refletir — rosnou o coronel mestiço. Suponho que deve se encontrar em melhores disposições. Está resolvido a falar?

Um suspiro veio como resposta, seguido de um gemido angustioso. — Cabeça teimosa de mula! — prosseguiu o venezuelano. Não é preferível confessar tua culpabilidade, de uma vez por todas, do que apodrecer numa prisão em Caracas, morrendo lentamente de fome?

— Já lhe disse *señor* — respondeu o velho descendente dos colonos corsos estabelecidos depois da aurora do XIX século na península de Goajna... — Eu já lhe disse, *Cristo*, que ninguém daqui viu passar nenhum daqueles a quem procura. Somos pessoas passivas e não temos relações de qualquer espécie com rebeldes.

— Parece-me que tu te obstinas! — disse Paz rindo. — Esteja à vontade! Se te achas bem!... — Felipe, traz-me o rapaz! — disse em voz mais alta.

Um cabo saiu da sombra, desaparecendo do outro lado, arrastando-se na direção do grupo de cabanas que ficaram intactas.

Um concerto de vozes lastimosas, de súplicas femininas, se elevou momentos depois; em seguida,

o cabo reapareceu, empurrando à sua frente um jovem ainda adolescente que, as mãos atadas atrás das costas, avançou até a orla da luz projetada pela chama da vela.

JEAN D'AGRAIVES

mente para o jovem corso — estás decidido ou preferes vê-lo morrer?

Tinha a fisionomia contraída e a fronte coberta de suor.

O mestiço começou a impacientar-se.

— Eu te vou fazer calar para sempre, filho de uma cadela! Procurarei, então, de uma vez, desatar tua língua. Vou procurar uma de tuas irmãs.

Levantou-se.

— Não vale a pena te debateres!

— disse Felipe num tom de zombaria, dirigindo-se ao rapaz, sempre apoiado à mesa. Eu mesmo te amarrei. Os nós não afrouxarão!...

Sobressaltou-se.

As mãos de Pedro estavam livres!

E, antes que ele voltasse de seu estupor supersticioso, diante daquela espécie de milagre, o jovem corso tinha-se apoderado da baioneta.

A lamina silvou pelos ares.

O cabo tombou, a cabeça profundamente fendida.

O jovem Automacchi desatou os laços que prendiam seu pai, sem se inquietar com as feridas de seus dedos; mas, apertou nos braços um cadáver!

Sentou-se piedosamente no chão, quando ouviu um estampido vindo do corpo da guarda, e viu silhuetas confusas de soldados que corriam para ele.

Não hesitou um segundo e, desapareceu na moita mais próxima.

Os soldados venezuelanos descarregaram as carabinas, ao acaso, na direção da mata, mas, não ousaram perseguí-lo nas trevas.

Seis anos passaram-se, seis anos no decorrer dos quais, traficando com a audácia característica de sua raça empreendedora, pelas Antilhas, das Bahamas a Saint-Domingue e de San Juan aos Barbados, sobre os mares das Caraíbas; Pedro Automacchi, chamado por todos o capitão Pedro, tinha juntado bastante ouro para adquirir uma bela escuna, construída por *bootleggers* dos estaleiros de Charleston, e batizada com o nome de *Vendetta*.

O filho do cacique supliciado, da pequena vila de Apuna, não esquecia o juramento que fizera, oito dias após a partida da tropa venezuelana, sobre o túmulo de seus pais e sua irmã.

Certamente, o punhal corso do marinheiro já possuía vários sinais sobre o cabo de chifre antigo, sinais que, constituíam a oração fúnebre de cada um dos membros da expedição punitiva, reconhecidos por ele e executados, friamente, numa briga provocada em alguma taberna de Valença, Guaira, Caracas... Mas, o principal responsável continuava vivo, fora do alcance de sua vingança.

O tempo também fora propício, a Porfirio Paz, que governava presentemente a província de Mérida, cercado por sua guarda, em seu velho palácio espanhol, fortificado, de Porto-Caballo; dizia que vivia à maneira de um satrapa.

Sem dúvida, as honrarias de seu cargo, quase vice-rei, não satisfiziam a ambição megalomana do mestiço, pois um boato surdo não tardou a percorrer a Cordilheira, e de lá ganhar as Ilhas.

Para melhor merecer o apelido de *Amigo do Povo*, para ser igual ao *Grande Libertador*, o general Paz meditava, — afirmavam — como sacudir o jugo, engordado às expensas dos pobres peões, do impopular e efêmero presidente, que expunha seu luxo e incompetência, nos salões de Caracas.

Um fogo de palha leva menos tempo a se propagar, do que os rumores desta espécie, indo até certos ouvidos, sempre abertos, de Port-of-Spain, Kingstone e Port-au-Prince.

E' que, o contrabando de armas une-se àqueles que fomentam revoluções endêmicas, entre o Trópico de Câncer e o de Capricórnio! Assim, ninguém se admirou de vê-lo aparecer, naquela tarde, à entrada do canal do ancoradouro de *Porto-Caballo*, uma escuna de construção visivelmente americana...

Houve uma grande parada militar, depois do meio-dia; a população em delírio, havia aclamado com vivas entusiastas o governador, o qual anunciou oficialmente, do alto de um estrado, sua intenção irrevogável de marchar sobre a capital, à frente de seu exército e dos voluntários...

— Ele virá, certamente! — afirmou Vicente Cabral, o segundo oficial de *Vendetta*, batizada pelas circunstâncias *Jolly-Mary*, com o conteúdo de meio vidro de tinta!

— Ele me disse que a nossa chegada fôra providencial pois estava faltando munições. Está disposto a pagar o preço que pediste!

Pedro bateu amigavelmente nos ombros musculosos do mulato, seu homem de confiança, que se desempenhara de sua missão, junto ao chefe da nova insurreição.

— E, está certo de que virá sozinho? — perguntou ele, os olhos brilhando como um relâmpago selvagem.

O mensageiro pôs-se a rir.

— Por minha vida! Eu lhe dei a entender, que tu desconfiavas dos espíes... Que tu tinhas arriscado muito, vindo até aqui, e que se ele não observasse exatamente nosso aviso, não teria a mercadoria. Portanto, está certo de que às nove horas, precisamente, a prancha será lançada.

Pedro recolheu os remos, amarrou seu pequeno escaler a um dos montantes da escada, na extremidade do caes e, rápido subiu pelos varais de ferro enferrujado.

Com uma comprida capa sobre os ombros e um *sombbrero* caído sobre os olhos, Porfirio Paz fazendo gemer a molhe com suas passadas de paquiderme, apareceu dez minutos depois, vindo em sua direção, na semi-obscuridade da noite.

O capitão Gigou? — disse com impaciência.

O capitão da *Vendetta* saudou-o com uma inclinação, uma dureza toda *yankee*.

Sob as sobranceiras proeminentes, suas pupilas pareciam tições ardendo através das cinzas. Seus lábios estavam contraídos, contando não ser reconhecido.

Mas o tempo tinha modificado sua fisionomia de seis anos atrás. Mesmo, em Apuna, o mestiço pouco o vira!

— Sois o representante da *U. S. Steel Corporation*? — perguntou com afabilidade o general.

— Exatamente, excelência!

— Então, trouxe os famosos cartuchos?

— Seiscentas caixas de munição para carabinas Remington, modelo 1918, — enumerou Pedro com precisão. E outro tanto para fuzis. Estarão à disposição de vossa excelência imediatamente... desde que a nossa pequena transação esteja terminada, em nosso navio!

— Seus patrões são homens de negócio e o senhor um cavalheiro prudente! — comentou Paz, rindo estrepitosamente. — *Vamos, embarquemos!* Eu vos sigo! Tão depressa eu tenha verificado que a entrega está conforme as amostras, assinarei um primeiro cheque só-

b.e meu Banco em Galverston... Receberá outro, logo que eu chegue a Caracas!

A lua brilhava no zenit, quando o mestiço chegou à embarcação, uma lua em todos os pontos parecida com aquela que iluminava, sob as folhas do tamarineiro, o suplicio do velho cacique.

A cidade toda branca, dormia. Somente o murmúrio da maré, a absorção gulosa do refluxo, perturbavam a calma superfície do mar.

Os perfumes variegados da terra se misturavam com o odor forte do lodo quente, subindo da enseada...

Pedro mandara lançar âncora a uma milha da costa, de fôrma que eles pudessem zarpar, em menos de um quarto de hora, se a escuna fosse atacada.

Quando se aproximavam de estibordo, uma aragem fresca encrespou as águas.

O corso riu furtivamente.

Seria desta vez a vingança...

O mulato Vicente vigiava a escada do piloto.

Estendeu a mão vigorosa ao governador, para ajudá-lo a chegar à ponte.

— Por aqui, excelência — disse ele, solícito e obsequioso — Mandei abrir algumas caixas, ao acaso, na cabine. Peço-vos para descer. Vou acender a luz...

Precedendo ao mestiço, Vicente se internou pelos degraus íngremes que levavam à cabine do capitão.

Pedro, debruçado na escada, percebeu praguejar dentro da noite.

— *Cristo!* Não consigo pôr a mão no acendedor da luz... Um pouco de paciência, excelência!

E depois, ouviu um baque surdo, um grito rouco, semi-abafado, seguido de outro violento baque. Cinco minutos depois, Vicente aparecia na ponte, alegre, e sem nenhuma palavra abriu a porta.

Automacchi deu ordens de marcha à equipagem despertada.

Roldanas cantaram na noite, depois os guindastes gemeram dolorosamente; a corrente estalou... e, velas enfunadas a escuna, ligeiramente inclinada a bombordo, passou graciosamente pelo cabo, rumo ao largo...

As luzes de *Porto-Caballo* desapareceram no horizonte.

Pedro, sentado com as pernas penduradas, na cama da cabine, acendeu um cigarro.

E, à claridade da lua, o homem do leme o viu rir silenciosamente!

A aurora cintilava numa explosão multicôr. O sol, disco flamejante, se elevava rapidamente; [Conclui na página seis]



A vingança do Corso

[Conclusão da página cinco]
nuvens pesadas obstruíram toda a extensão. E esse foi o dia glorioso. A brisa soprava novamente, às últimas horas da noite, e panos ao vento, a *Vendetta* suspendia âncoras, balouçando-se nas vagas escavadas e espumantes.

O velame inteiro enfunava; o casco gritava com o balanço e todo seu aparelhamento gemia sob a tensão brusca do jogo de pópa à proa.

Ao longe, a Serra Nevada parecia vibrar no ar aquecido. Súbito, uma tempestade de blasfêmias se desencadeou no cabine.

Pedro tinha um ar alegre, como uma música celeste! O cimo do mastro de artimão, que descrevia um quarto de círculo sob o céu azul de anil, chamou sua atenção.

Observou-o durante alguns instantes, e depois chamou o mulato Vicente.

— Procura um pedaço de fio de canhamo novo, prende-o na caixa de sinais... Amarra-o na extremidade da drica, bem enebado, fazendo-o passar na roldana superior do *top-gallant* do artimão.

Logo que soprou um vento mais forte, pulou da almofada onde estivera sentado, abriu e fechou tranquilamente o aquecedor da cabine.

★

Porfiro Paz estava sentado numa cadeira, os pés e as mãos solidamente amarrados com uma correia...

Seus lábios grossos espumavam e seus olhos pareciam querer saltar das órbitas, à vista do corso escarnekedor.

Um fio negro de sangue coagulado, que escorria do alto da cabeça, dava-lhe uma aparência de ferocidade agressiva...

O jovem capitão sentou-se a três passos dele, sobre um quadro de madeira e, por minutos, os dois adversários olharam-se silenciosamente.

Foi o mestiço quem primeiro falou, arrogantemente:

— Não sei para que me queres, nem porque me fizeste cair nesta traçoira emboscada. Se é uma extorsão, diz o teu preço!

O capitão fez um trejeito desdenhoso com os lábios delgados. — Todo o dinheiro que roubares, não te fará sair de minhas mãos!

Qualquer coisa de confusamente familiar, em sua fisionomia bronzeada e na zombaria da voz, uma vaga reminiscência, fizeram o prisioneiro refletir.

— Que pretendes, então? — disse.

Pedro riu mansamente.

— Verdaderamente, não te recordas?

— Não! — gemeu o mestiço.

O filho do cacique de Apuna, que mandaste pendurar pelos pulsos, numa noite de lua. Lembra-te? Teus soldados mataram minha mãe. A pobre morreu sob seus golpes. E mandaste matar minha irmã!

Tirou seu velho punhal do estojo onde era guardado; contou as marcas do cabo.

— Já despachei com ele, doze dos teus homens. Esperei até agora. Chegou a tua vez... Mas, para um cão de tua espécie, semelhante lâmina será boa demais!

Os grandes olhos injetados do governador firmaram-se aterrORIZADOS no marinheiro.

— Há muito tempo, já... enriqueci... — gaguejou — há muito tempo... muito mais rico do que pensam... se me deixares viver... dar-te-ei... um milhão... de dólares de prata... dois milhões...

O capitão riu ferozmente, sem nada responder.

— Três milhões... quatro! — disse Paz.

— Eu te ofereci, outrora, nosso barcação, para que deixasses morrer em paz meu velho pai — disse calmamente o corso.

Soltou as fivelas que prendiam o prisioneiro e, com a ponta do punhal o empurrou para a porta da cabine.

Foi Pedro quem amarrrou o pedaço de fio de canhamo novo, nos pulsos do mestiço; em seguida, cortou os outros laços, dizendo então:

— Pódem irar!

A equipagem fez pressão sobre a drica.

Os braços unidos de Porfiro Paz foram puxados sem consideração, violentamente, e em seguida os pés deixaram o chão.

A raiva e o medo o sufocavam, sem que ele compreendesse, todavia, qual seria o seu destino.

— Item todos de uma só vez! Apertem! Apertem, rapazes! — apressou o capitão.

Os marujos icaram, mão a mão, rapidamente, o fardo humano que se elevava até o topo do mastro, em sacudidas.

A escuna deu de lado.

O general ensaiou ficar de joelhos no toldo da vela.

Mas, sua tentativa foi vã e continuou subindo, sempre, cada vez mais depressa, até chegar sob as barras da escora, onde parou, esperando como um palhaço.

— As amarras! — disse o rapaz. A escuna deu outra vez de lado, acentuou os movimentos de bombordo. O governador não via mais do que o mar glauco, agitado.

Pôs-se a gritar e a suplicar. O pinheiro flexível que formava o ápice do mastro de artimão, curvava-se, depois retesava-se a cada solavanco.

E, em seguida, o barco se endireitava e o homem, na extremidade do fio, começou uma nova viagem, tal como um pêndulo.

Isso não era senão o começo. Deixou de gritar, fixando os olhos sobre o mastro, para o qual seu péso o arrastava.

Tentou amortecer o choque, lançando as pernas para frente, e depois puxando-as, com todas as forças, para ensaiar uma tração.

Mas, a roda de proa da escuna, levantou-se no mesmo momento em que ele alcançava o mastro, dessa vez, uma dezena de centímetros.

Depois, menos rápido, prosseguiu na oscilação simétrica chegando quase a bater na casa do leme, sobre estibordo.

E, novamente, em primeiro lugar, lentamente, em seguida acelerando, empreendeu, os músculos retesados, sua perigosa viagem de volta.

Uma das vezes, suas pernas alcançaram a viga oscilante do mastro, mas ele levantou o ombro dolorido pelo choque e, rodopiou como um pião.

A lentidão regular, sorradeira de cada uma das oscilações, suas evoluções caprichosas, aumentavam ainda mais o horror do suplício.

O mar, cúmplice de seu carrasco, jogava cruelmente com sua presa.

Sob seus olhos extraordinariamente abertos, o ponto inclinado aparecia e desaparecia, alternadamente.

A corda cortava-lhe os pulsos.

Atordoado pelo balanço, bateu finalmente ha alavanca, tão violentamente, que suas costas estalararam; ricocheteou, parou como um palhaço mole, no vácuo.

As oscilações seguintes voltaram irregulares, mas os movimentos do navio fez com que elas se restabelecessem, como nos primeiros instantes.

Inerte, agora, o mestiço deixava-se balançar.

Mas, como a despeito de sua idade, tinha de sua raça índia uma vitalidade prodigiosa, e todo o seu corpo se encontrasse coberto de uma camada de graxa, a ação combinada das ondas e da viga, levaram longo tempo... para quebrar-lhe os ossos, e em seguida reduzi-lo a polpa!

Foi jogado, finalmente, por cima da amurada, para pasto dos tubarões que, naquela tarde, foram chegando pouco a pouco, com seu instinto infalível, à volta da escuna.

O velho cacique fôra vingado... e também sua mulher e sua filha.

Sentado novamente, em sua cabine, Automacchi batia com os tacões do sapato o compasso de uma marcha triunfal.

A FLEXA ENVENENADA

[Conclusão da página quatro]

sença ou de fotografias suas... se é que os senhores têm retratos.

Tinham. Jacques deu-os a Maurain, que se retirou com um olhar ao mesmo tempo desconfiado e simplório.

Jacques continuou sombrio:

— Amanhã, disse-lhe ternamente sua mulher, amanhã estaremos livres dêsse pesadelo! Olhe, querido, é a felicidade, apesar de tudo, é a alegria e a saúde para nossas filhinhas!

Não teve tempo de dizer mais. Pierre chegou com as meninas. Estavam fatigadas mas nada adivinhavam do drama que em torno delas se agitava, ao passo que o menino, mais arguto, mostrava um rosto de terrível inquietude. Fitou os pais adotivos e balbuciou, com um frêmito:

— Não há nada de novo, não é? Nada de novo?

— Nada, meu filho, respondeu Jacques afetuosamente. Só boas notícias: amanhã, todos aqui encherão a barriga!

Lágrimas copiosas saltaram dos olhos do menino. E com um soluço de ternura ele abraçou-se a Lefebvre.

*

A força de repetir consigo mesmo que os *alibis* eram indiscutíveis, Jacques acabou por adormecer. A senhora Lefebvre, no entanto, ficou muito tempo insone.

A agitação do drama continuou no seu íntimo, bem que ela se julgasse certa do desfêcho. A sua fina argúcia insistia na solução do enigma. Ela se interrogava sem cessar porque razão tinha o tio Celestino escrito aquelas estranhas palavras antes de morrer. Era um homem que vivia como um bicho, duro, feroz, rancoroso, mas sem hipocrisia alguma. Não tinha nenhum motivo de ódio contra o sobrinho e a sobrinha; e mesmo que o tivesse, ela estava certa de que ele não teria escolhido tal modo de vingar-se. Por outro lado, a senhora Lefebvre não acreditava num ato cometido sob a influência do delírio. Imaginava, ao contrário, que o trecho de frase encerrava um índice de verdade. Mas qual? Toda suposição parecia absurda.

E a jovem senhora rolava na dura cama, presa de uma agitação que a fome tornava mais intensa e cruel. Às vezes, um movimento de Jacques, das meninas ou de Pierre fazia-a estremecer. Depois, ela recaía na sua meditação.

Só conseguiu dormir ao raiar da aurora, com um pesado sono de esquecimento.

Pela manhã, levantaram-se todos, sentindo mais funda a sua fadiga de esfomeados. E não tiveram coragem de sair logo de casa: já os jornais deviam ter espalhado

pela vizinhança a horrível suspeita que Maurain viera trazer-lhes na véspera. Demais, que iriam fazer, àquela hora? Era muito cedo para as suas providências e nada mais havia em casa para vender.

As nove horas, no entanto, o marido decidiu-se a correr ao seu destino. Ia a caminho da porta, febril e feroz, quando souu a campainha.

Era André Maurain. O olhar com que envolveu toda a família perdera, porém, toda a sua penetrante agudeza; uma certa doçura errava nos seus lábios.

Foi logo dizendo:

— Tive sorte... Pude encontrar todas as pessoas que desejava. A dúvida é impossível.

Teve um pálido sorriso:

— Aliás, era esse o meu presentimento...

Uma súbita alegria iluminava o rosto emaciado de Jacques. Mas foi sobretudo a emoção do pequeno Pierre, emoção ardente, frenética, selvagem, que chamou a atenção do inspetor.

Um nervoso... murmurou. Um nervoso e um precoce...

E não viu a melancolia que ensombrou por um momento a face da senhora Lefebvre e que na véspera o teria feito desconfiar...

— E agora, declarou Maurain num tom de compaixão, vamos ao mais urgente. Permitem que lhes empreste alguns francos, ou preferem ir comigo ao armazém?

— Preferimos ir com o senhor aos fornecedores, declarou Jacques. Será matar dois coelhos de uma cajadada.

As pobres criaturas conheceram a felicidade tão grande e tão profunda da fome saciada. Com um pouco de pão, de manteiga e de chocolate, a vida horrível tinha-se tornado a ilusão brilhante. O futuro apresentava-se cheio dos sonhos imensos que só conhecem os que foram um dia crucificados pela miséria. O quarto desguarnecido não era mais que uma lenda. Ia desaparecer, esvaír-se no mundo das recordações, em que assumira uma singular doçura...

— Será possível que fêz isso, infeliz! Ele nada respondeu. Havia caído sobre uma cadeira e durante um minuto ali ficou como morto.

— Quando você me deixou ontem, foi a Gentilly! — continuou

☆ O HEROI ☆

[Conclusão da página sete]

gotas de sangue tinham maculado o altar.

Pela segunda vez os camaradas fizeram todos juntos um esforço para levantar a massa esmagadora. Não era coisa fácil.

Na angústia da tortura, Ummalido torcia a boca, e a este espetáculo as mulheres tinham calafrios.

Finalmente conseguiram levantar a estátua, e Ummalido pôde retirar a mão esmagada, sangrenta e já sem forma.

— Vai para casa! Vai para casa! gritaram-lhe, empurrando-o para a porta da igreja.

Uma mulher tirou o avental e ofereceu-lho para embrulhar a mão. Ummalido recusou. Não dizia nada; olhava para um grupo de homens, que disputava gesticulando em torno da estátua.

— É a mim que pertence!

— Não é tal, é a mim!

— Não, não! é a mim!

Cicco Ponno, Mattia Scafarola e Tommaso De Clisci estavam em concorrência para substituir Ummalido na função de oitavo portador do santo.

Ummalido aproximou-se dos homens que disputavam. A mão ensanguentada pendia ao longo do corpo, e com a outra abria ele a passagem. Disse simplesmente:

— O lugar é meu.

E adiantou o ombro esquerdo para sustentar o padroeiro da freguesia. Apertava os dentes, reprimindo a dor com uma vontade feroz.

Mattia perguntou-lhe:

— Que queres tu fazer?

Ele respondeu:

— Farei o que São Gonçalo quiser.

E pôs-se em marcha com os outros.

A multidão via-o passar, estupefata.

A cada instante, vendo a ferida gotejando sangue e já enegrecida, perguntavam-lhe na passagem:

— O que foi isso, Ummalido?

Ele não respondia, caminhava na sua frente, gravemente, medindo o passo pela cadência, com uma certa confusão no espírito, sob as amplas colchas que flutuavam ao vento, entre a multidão cada vez mais compacta.

Mas de repente, numa encruzilhada, caiu. O santo parou um segundo, oscilou no meio de uma desordem momentânea, depois continuou a andar.

Mattia Scafarola tomou o lugar vago. Dois parentes levantaram o homem desmaiado e conduziram-no a uma casa vizinha.

Anna De Céuro, velha hábil na arte de curar feridas, examinou o membro disforme e sangrento, depois acenou com a cabeça:

— Não há nada a fazer, disse ela.

A sua arte não lhe fornecia recursos para um caso dêste gênero.

Ummalido, que acabava de recuperar os sentidos, não abriu a boca. Contemplava tranquilamente a sua ferida. A mão pendia, com os ossos esmigalhados, perdida, sem remédio.

Dois ou três velhos patrícios vieram ver o ferido, e cada um dêles, pelo gesto ou pela voz, exprimiu o mesmo pensamento:

Ummalido perguntou:

— Quem levou o santo?

Êles responderam:

— Foi Mattia Scafarola.

Ele perguntou ainda:

— Que estão fazendo agora?

— Estão a cantar as vésperas com música.

Os velhos despediram-se dêle e foram ouvir as vésperas. Um grande alarido chegava da igreja paroquial.

Um parente colocou junto do ferido um balde com água fresca e disse-lhe:

— Banha aí a mão. Nós voltamos logo; vamos ouvir as vésperas.

Ummalido ficou sozinho.

Os sinos tocavam com mais força e mais depressa.

A luz do dia começava a diminuir. Uma oliveira agitada pelo vento batia com os ramos na janela baixa.

Ummalido sempre assentado, começou a mergulhar a mão progressivamente. À proporção que o sangue coagulado saía, ia aparecendo o desastre cada vez mais medonho.

Ummalido pensou:

— Tudo é inútil. A mão está perdida. São Gonçalo, eu t'a ofereço.

Pegou então numa faca e saiu da casa.

As ruas estavam desertas. Todos os devotos tinham ido para a igreja.

Por cima dos telhados corriam as nuvens violáceas dos crepúsculos de setembro, essas nuvens que têm figuras de animais.

Na igreja, ao som dos instrumentos, a multidão apertada cantava em côro, com intervalos regulares.

Um calor intenso emanava dos corpos humanos e das chamas das velas.

A cabeça de prata de São Gonçalo cintilava no ar como um farol.

Ummalido entrou. No meio da estupefação geral, encaminhou-se para o altar, e disse, com voz clara, segurando a faca na mão esquerda:

— São Gonçalo, eu t'a ofereço.

E pôs-se a cortar em volta do pulso direito, lentamente, sob o olhar de todo o povo, que tremia horrorizado. Pouco a pouco, a mão disforme ia-se desligando, numa onda de sangue. Ficou suspensa pelas últimas fibras durante um segundo; depois caiu no prato de cobre colocado aos pés do santo para receber os dons dos fiéis.

Então Ummalido ergueu o côro sangrento e repetiu ainda com voz clara:

— São Gonçalo, eu t'a ofereço!

FORNO & FOGÃO

SOPA DE BACALHAU — Conteúdo: 250 gramas de bacalhau; 1 colher, das de sopa, de farinha de trigo; 3 idem, de azeite; 1 cebola; 2 tomates; 1 dente de alho e um ramo de cheiro. Põe-se de véspera o bacalhau de molho em água fria e, no dia seguinte, escorre-se; retiram-se as espinhas e as peles, cortam-se em pedaços, juntam-se o azeite e os demais ingredientes e leva-se tudo ao fogo para refogar. Em seguida, junta-se-lhe bastante água e deixa-se cozinhar em fogo brando. Quando o bacalhau estiver cozido, retira-se, corta-se em pedacinhos, cõa-se o caldo por um passador, engrossa-se com um pouco de farinha de trigo diluída em caldo frio, junta-se o bacalhau e leva-se novamente ao fogo, deixando-se ferver durante três a cinco minutos. Na ocasião de servir, quebram-se alguns ovos dentro da sopa.

SOPA DE VITELA — Conteúdo: 2 quilos de cabeça de vitela; 1 litro de caldo "consommé"; 1 xícara, das de chá, de presunto cozido, cortado em pedacinhos; 6 colheres, das de sopa, de vinho branco; 1 idem, das de café, de noz moscada; 1 cenoura; 1 nabo; 1 alho pôrro; 1 ramo de cheiro; sal; pimenta. Trata-se muito bem a cabeça de vitela, untando-se de sal, e adiciona-se-lhe uma pitada de pimenta, o alho pôrro, o cheiro, a cenoura e o nabo cortado em pequenos pedaços, e leva-se tudo para cozinhar em três litros d'água a ferver em fogo forte, tendo-se o cuidado de escumar de vez em quando. Quando a carne estiver tenra, tira-se a cabeça para um prato e corta-se a carne em pedacinhos para fazer a quantidade de duas xícaras das de chá. À parte, põe-se o caldo "consommé" numa caçarola, com uma concha cheia do caldo da cabeça de vitela previamente passado numa peneira ao fogo. Logo que principiar a ferver, juntam-se-lhe a carne picada, o presunto, o vinho e a noz moscada. Tempera-se com sal e deixa-se que a sopa ferva por mais alguns minutos. Serve-se com torradas de pão, passadas na manteiga.

SOPA DE PEIXE — Conteúdo: 5 pedaços grandes de qualquer peixe; 3 colheres, das de sopa, de azeite; 1/2 idem, de tintura de açafrao; 5 cenouras; 1 cebola; 1 tomate; 1 folha de louro; 2 dentes de alho; sal; salsa. Tratam-se os legumes, cortam-se em pedacinhos, juntam-se-lhes o cheiro, o azeite e leva-se tudo ao fogo para refogar. Feito isto, põe-se bastante água e deixa-se cozinhar. Em seguida, retira-se, cõa-se por um passador, juntam-se as postas de peixe sem as espinhas, a tintura de açafrao e leva-se tudo ao fogo. Quando o peixe estiver cozido, corta-se em pedacinhos, junta-se ao caldo, leva-se este novamente ao fogo para aquecer. No momento de servir, despeja-se numa terrina sobre fatias de pão torrado. Serve-se bem quente.

SOPA DE GRÃO DE BICO — Conteúdo: 250 gramas de grão de bico; 3 colheres, das de sopa, de azeite; 2 colheres de farinha de trigo; 1/2 colher, das de chá, de bicarbonato de soda; 1 cebola; 2

tomates; 2 alhos; crutões fritos em azeite; sal; pimenta. Põe-se de véspera o grão de bico de molho em uma vasilha com água tépida, juntamente com um pouco de sal grosso e a farinha indicada. No dia seguinte, retiram-se os grãos e faz-se ferver a água, juntando-se-lhe o bicarbonato. Em seguida, deixa-se arrefecer e junta-se o grão previamente escorrido e enxuto. Leva-se ao fogo para cozinhar durante uma hora. Findo este tempo, retira-se, escorre-se e põe-se em outra vasilha cheia d'água a ferver e leva-se novamente ao fogo até que fiquem tenros e se lhes possa tirar facilmente a pele que os envolve. À parte, põem-se a frigar no azeite a cebola, os tomates e os alhos cortados em pequenos pedaços. Quando tudo tiver cor, adiciona-se o grão com a água em que cozinhou e leva-se mais uma vez ao fogo até que novamente ferva. Em seguida, derrama-se na terrina, na qual devem estar os crutões.

MÓLHO VERDADEIRO — Conteúdo: 45 gramas de manteiga; 15 gramas de farinha; 2 1/2 xícaras de caldo; 1 colher, das de sopa, de vinagre; 1 colher, das de sopa, de nata; 1 ramo de cheiro; sal; pimenta. Misturam-se muito bem em fogo brando, vinte gramas de manteiga e a farinha, deixando-se cozinhar durante cinco minutos sem que a farinha tome cor. Junta-se em seguida o caldo, muito bem batido com uma colher de pau. Diminui-se o fogo, e deixa-se cozinhar novamente durante vinte minutos, juntando-se o cheiro, sal e pimenta a gosto. Retira-se depois do fogo e liga-se com a nata, e o resto da manteiga.

SALADA DE COUVE-FLORES — Couve-flor; azeite; vinagre; sal; pimenta. Trata-se a couve-flor, corta-se em pequenos pedaços e leva-se ao fogo para cozinhar em água a ferver. Alguns minutos depois, escorre-se essa água e põe-se outra também fervendo e adiciona-se um pouquinho de sal. Logo que esteja cozida, escorre-se numa peneira e deixa-se esfriar. Em seguida, coloca-se numa saladeira, arrumando-se como se fôsse uma só flor. À parte, faz-se um molho com bastante azeite, um pouco de vinagre, uma pitada de sal e outra de pimenta, e com este molho rega-se a salada quinze minutos antes de servir. Querendo-se retirar o cheiro forte da couve-flor, põe-se um pedaço de pão dormido na segunda água em que se pôs para cozinhá-la.

SALADA DE PEPINOS — Conteúdo: pepinos; cebola; azeite; limão; sal; pimenta. Descascam-se

os pepinos, cortam-se em rodela finas e colocam-se estas, primeiramente, em um prato com sal e um peso por cima e, meia hora depois, escorre-se a água que saiu e dispõem-se as rodela em uma saladeira. Corta-se a cebola em rodela finas que se juntam ao pepino. À parte, faz-se um molho com bastante azeite, algumas gotas de caldo de limão, uma pitada de sal, outra de pimenta e rega-se a salada antes de servir. Prensa-se o pepino, para torná-lo menos indigesto.

SALADA DE PALMITO — Conteúdo: palmito; ovos; azeite; vinagre; limão; sal. Tiram-se as cascas grossas do palmito e parte-se o centro em pequenos pedaços que se vão pondo em água com limão. À parte, leva-se ao fogo uma caçarola com água e sal e logo que comece a ferver põem-se dentro os pedaços de palmito e deixam-se que cozinhem até ficarem tenros. Em seguida, escorrem-se e deixam-se arrefecer. Cozinham-se os ovos até ficarem duros e, depois de frios, descascam-se separadamente as claras das gemas. Em seguida, desmancham-se estas em azeite e faz-se um molho, juntando-se-lhes um pouco de vinagre e uma pitada de sal. Dispõem-se os

pedaços de palmito em uma saladeira e regam-se com o molho que se preparou. Picam-se as claras muito bem, ou passam-se num ralo e espalham-se sobre a salada na ocasião de servir.

SALADA TRICOLOR — Conteúdo: beterrabas; alface branca repolhuda; maçãs; azeite; vinagre; sal; açúcar. Cozinham-se as beterrabas em água a ferver e, quando estiverem tenras, retiram-se, escorre-se a água e deixam-se arrefecer. Em seguida, descascam-se, cortam-se em rodela e põem-se num prato com um pouco de vinagre e uma colher das de chá de açúcar. À parte, trata-se a alface, aproveitando-se somente as folhas tenras, que se partem em três. Tomam-se as maçãs, descascam-se e partem-se em fatias. Numa saladeira, dispõem-se a alface no centro, as maçãs de um lado e as beterrabas de outro. No momento de servir rega-se a salada com um molho feito de azeite, um pouco de vinagre e sal.

MACARRÃO COM MANTEIGA — Conteúdo: 200 gramas de macarrão; 100 gramas de manteiga; 100 gramas de queijo Parmezão ralado; 100 gramas de farinha de rosca; 1 cebola; sal. Cozinha-se o macarrão. À parte, põe-se a metade da manteiga em uma caçarola, juntam-se-lhe a cebola cortada em rodela e um pouquinho de sal e leva-se ao fogo para fritar, mexendo-se continuamente com uma colher de pau para não queimar. Quando a cebola estiver meio frita, retira-se com um garfo e passa-se o macarrão nesta manteiga, acrescentando-se antes de tirar do fogo, a manteiga restante. Toma-se então um prato que possa ir ao forno, untando-se com manteiga, polvilha-se ligeiramente com queijo e farinha de rosca e põe-se o macarrão, cobrindo-se tudo depois com outra camada de queijo e de farinha. Leva-se ao forno para tostar.

MACARRÃO À ITALIANA — Conteúdo: 250 gramas de macarrão; 500 gramas de carne de alcatre; 200 gramas de manteiga; 200 gramas de queijo Parmezão ralado; 100 gramas de massa de tomates; 1 cebola; 1 dente de alho; 1 folha de louro; sal; salsa; pimenta. Cozinha-se o macarrão. À parte, trata-se a carne, tempera-se com sal, pimenta e junta-se-lhe a massa de tomates, o alho socado, a cebola cortada em rodela, a salsa picadinha e o louro, e deixa-se ficar durante quinze minutos neste tempêro. Findo este tempo, põe-se a manteiga em uma caçarola e leva-se ao fogo. Quando estiver bem quente, junta-se-lhe a

carne com os tempêros e frita-se de ambos os lados até ficar corada. Adiciona-se-lhe, então um pouco de água quente, tampa-se a caçarola, diminui-se o fogo e deixa-se cozinhar lentamente durante trinta minutos mais ou menos. Retira-se do fogo, e cõa-se o molho. Toma-se um prato que possa ir ao forno e arruma-se o seguinte: uma camada de macarrão, uma do molho, uma do queijo, e assim se procede, devendo ser a última camada de queijo. Leva-se ao forno para tostar.

MACARRÃO COM MÓLHO DE TOMATES — Conteúdo: 200 gramas de macarrão; 100 gramas de queijo Parmezão ralado; 100 gramas de farinha de rosca; molho de tomates. Cozinha-se o macarrão. Em seguida, toma-se um prato que possa ir ao forno e arruma-se o seguinte: uma camada de macarrão, uma de molho de tomates, uma de queijo e assim se continua, devendo a última camada ser de queijo. Cobre-se tudo com farinha de rosca e leva-se ao forno para tostar.

FRANGO ENSOPADO COM LEGUMES — Conteúdo: 1 frango; 200 gramas de banha; 1 litro de caldo de carne, ou água; 1 colher, das de sopa, de farinha de trigo; 5 batatas; 5 cenouras; 3 nabos; 3 tomates; 1 cebola; 5 cebolinhas; sal; salsa; pimenta. Trata-se o frango, corta-se em pedaços e tempera-se com sal e pimenta. Põe-se a banha numa caçarola grande e leva-se ao fogo. Quando estiver quente, juntam-se as cebolas, as cebolinhas, os tomates e a salsa cortados em pequenos pedaços. Quando tudo estiver corado, põe-se o frango, deixa-se corar um pouco e, em seguida, adicionam-se os legumes. Mexe-se tudo, acrescenta-se a farinha de trigo e cinco minutos depois o caldo ou a água. Mexe-se novamente e deixa-se que cozinhe em fogo lento até a carne ficar macia e os legumes tenros. No momento de servir, dispõem-se os pedaços de frango numa travessa e os legumes à volta.

FRANGO À PARISIENSE — Conteúdo: 100 gramas de banha; 50 gramas de manteiga; 1 frango; 1 xícara, das de chá, de leite; 1 cálice de vinho do Pôrto; 1 cálice de conhaque; 6 colheres de sopa de molho "Béchamel"; 1 lata de espargos; 1 cebola; 3 tomates; sal; salsa; pimenta. Trata-se e limpa-se o frango e, depois, corta-se pelas juntas e tempera-se com sal e pimenta. Põe-se a banha em uma caçarola, juntam-se-lhe a cebola, os tomates e a salsa cortados em pedaços e o alho socado; leva-se tudo ao fogo, mexendo-se sem parar. Quando estiver bem quente, adiciona-se o frango e refoga-se. Tampa-se a caçarola, diminui-se o fogo e deixa-se cozinhar lentamente sem água, somente com o bafo. Quando estiver cozido, acrescentam-se o vinho, o conhaque, o molho "Béchamel" e o leite. Retira-se do fogo e junta-se a manteiga. No momento de servir, dispõem-se os pedaços de frango no centro de uma travessa, despeja-se o molho por cima e enfeita-se em volta com os espargos passados na manteiga.



Modêlo de blusa em tricô



JÁ os estandartes de São Gonçalo tinham saído para a praça e tremulavam pesadamente no ar, sustentados pelos punhos de homens hercúleos, de tez crestada, pescoço cheio de fôrça, que os levavam como se fossem de penas.

Depois da vitória ganha sobre os Radusianos, a população de Mascalicó celebrava a festa de setembro com desusada magnificência. As almas incendiavam-se num ardor maravilhoso de devoção. O país inteiro vinha oferecer ao seu padroeiro as riquezas da recente colheita. Nas ruas, as mulheres tinham estendido dumas para as outras janelas as suas colchas nupciais. Os homens tinham engrinaldado as portas de verdufa e atapetado as entradas das casas com flores. A brisa soprava e havia nas ruas uma ondulação imensa que deslumbrava e embriagava a multidão.

A procissão continuava a desfilar no pórtico da igreja e a estender-se na praça.

Diante do altar onde tinha caído São Pantaleão, oito homens, os privilegiados, esperavam o momento de levantar a estátua de São Gonçalo. Chamavam-se Giovanni Curo, Ummalido, Mattalla, Vincenzo Guanno, Rocco De Cénzo, Benedetto De Clisci, Giovanni Senzapaura.

Estavam de pé, silenciosos, embaraçados pela dignidade da sua função, com as idéias um pouco embaralhadas na cabeça.

Eram todos extremamente robustos; tinham nos olhos uma chama de farrugem a cada rajada de vento.

O HEROI

natismo e nas orelhas duas argolas de ouro, como as mulheres. De quando em quando apalpavam-se os pulsos e os bíceps, como para lhes medir o vigor; ou trocavam entre si um sorriso disfarçado.



Conto de

GABRIEL D'ANNUNZIO



A estátua do padroeiro era de bronze, ôca, esverdeada, com cabeça e mãos de prata, enorme e muito pesada.

Mattalla disse: — Vamos a isto. Em volta dêles a multidão apertava-se para vêr. Os vidros da igreja

rugiam a cada rajada de vento. A nave enchia-se dum fumo de incenso e de benjoim. Alternativamente ouviam-se e deixavam de se ouvir os sons da música. Neste rumor devoto, uma espécie de exaltação cega crescia no coração dos oito homens. Eles estavam prontos, estenderam os braços.

Mattalla disse: — Uma!... duas!... três!...

E combinaram o seu esforço para levantar do altar a estátua do santo. Mas o peso era excessivo, e a estátua esteve a ponto de cair para a esquerda.

Os homens não tinham podido ainda dispôr as mãos em volta da base, de modo a pegar solidamente. Arqueavam-se forçando para resirtir.

Mas Biagio De Clisci e Giovanni Curo, menos ágeis, largaram de repente, e a estátua inclinou-se violentamente para o lado dêles.

Ummalido deu um grito.

— Cautela! Cautela! vociferava a multidão em roda dêles, á vista do santo em perigo.

A grande algazarra que vinha da praça não deixava ouvir as vozes.

Ummalido tinha caído de joelhos com a mão direita para debaixo do bronze. Nesta posição, sem se mexer, tinha os olhos fitos na mão prisioneira, olhos dilatados, cheios de espanto e de dor, mas não gritava. Algumas [Conclui na página seis]



Gracioso vestidinho leve para moça



Vestido de estampado em duas peças

Toscanini regerá novamente no "La Scala" de Milão

Um pouco da história do famoso teatro — De centro social ao mais prestigioso templo da arte lírica do mundo — Moliban, Giudita Pasta, Tamagno... — Franco Faccio e Artur Toscanini — A reabertura, com a Sinfonia de Beethoven.

Por estes dias terá lugar a reabertura do Teatro "La Scala", de Milão. A reabertura do famoso teatro constitui acontecimento artístico de excepcional importância para a Itália inteira e especialmente para o povo milanês. O mundo também, pelos seus músicos todos, encara o acontecimento com simpatia e respeito — mais do que com simpatia e respeito, mesmo com paixão.

Sobreleva ainda o acontecimento em categoria mais excepcional, considerando o fato assaz auspicioso, de que caberá a Toscanini, regente sem par na história da música orquestral contemporânea, empunhar a batuta na noite de reabertura. Quando Toscanini subir o tablado da regência, ao seu comando estarão alinhadas, disciplinarmente, grandes massas orquestrais e corais atentas aos seus sinais. E quando ele descer a batuta, então, uma catadupa de sons inundará o salão, na maior glorificação ao famoso teatro, que as condições políticas do mundo relegaram transitariamente ao ostracismo.

O Teatro "La Scala", obra do arquiteto Giuseppe Piermarini, foi inaugurado na noite de 3 de agosto de 1778. A sobriedade das linhas, a magnificência das decorações, a amplitude da sala, a comodidade das localidades conquistaram logo o favor dos italianos, que correram àquele ponto faustoso, onde se podiam reunir, palear, divertir-se, ampliar as restritas relações sociais da época. Não que excluíssem a atração delectosa da arte: ao contrário, os cantores mais famosos e "virtuosos", arrebataavam aos céus os venturosos espectadores. Surgia precisamente a esse tempo uma multidão de maravilhosos intérpretes da mais pura arte italiana, feita de luz e ar, de sol e paixão, que se expandia livre pelo mundo e magnetizava.

Os cantores eram: Malibran, Pasta, Meric-Lalaude, Ungler, célebres sopranos; os tenores Rubini, Donzelli, Crivelli, Marchesi; os baixos Lablacke, Marini, Remorini... Com estes grandes artistas, um grupo de compositores eleva o nome às culminâncias: Galiéri, Cimarosa, Paiselo. Entre eles, refulge o "astro" maior: Rossini, e flamejam as constelações: Belini e Donizetti... Seguem-se depois Adelina Patti até Francesco Tamagno. Esta é a época de Giuseppe Verdi, na qual o cantor continua a ter preponderância absoluta na obra de arte. O compositor se preocupa em tirar o melhor proveito possível dos dons primordiais que o intérprete possui. Escreve "à parte" especialmente pa-

ra ele, a tal ponto que, desaparecido o artista para a qual foi composta, muitas óperas não produzem mais o efeito idealizado e se tornam de difícil encenação. Exemplos foram "Guilherme Tell" que Rossini escreveu para o tenor Gayarre e "Otelo", criado por Verdi para as prodigiosas cordas vocais de Tamagno.

O tempo passa e também se modifica a norma dos compositores de se preocuparem com os artistas do canto, como via direta de sucesso público. Utilizam-se agora dos regentes e surge então, logo de início, o nome de Franco Faccio, que, com sua elevação à re-



Artur Toscanini

gência do "La Scala", dá início ao importantíssimo período da arte musical em que o primeiro intérprete vem a ser o diretor da orquestra. O maestro é agora a flama que escalda, a luz que ilumina. Foi devido a esta nova tendência, que as óperas de Wagner puderam ter lugar no palco do famoso teatro. Na noite de Santo Estéfano, de 1889, sob a direção de Franco Faccio foram representados os "Mestres Cantores", de autoria do compositor germânico, e foi esta a primeira revelação na Itália de um tipo admirável de comédia lírica. No mesmo tipo, seguiu-se o "Falstaff", de Verdi, que comemorou com a representação de tal obra prima, a nove de fevereiro de 1933, no mesmo teatro que vira nascer sua glória, o 80.º ano de idade, e encerrou a carreira teatral admirado, venerado por toda uma nação que o tinha como um tutelar.

Em seguida, subiram à regência do "La Scala" os maestros Mascaroni, Ferrari, o celebrado compositor Mascagni. Depois então emergiu rápido a figura do novo grande diretor de orquestra: Arturo Toscanini. O maestro Toscanini apareceu ao público milanês, como diretor de ópera, na noite de Santo Estéfano e — coincidência — numa homenagem digníssima de grande artista a outro artista, sua batuta se levantou sobre as páginas da mesma partitura sobre a qual caíra oito anos antes a batuta fatigada de Franco Faccio.

Desde então, por muitos anos, foi ele soberano do "La Scala", tendo sempre muito alto o prestígio, a glória e o nome deste teatro, até que, até que...

... ocorreu o célebre episódio, de todos conhecidos, e que obrigou o notável artista a exilar-se.

Por demais conhecida a existência deste homem admirável, para que a qualquer ensejo repizemos sobre ela. É de todos sabido que, de modesto violoncelista de orquestra, em memorável noite operística realizada no Rio de Janeiro, ele subiu à categoria de regente. Desde então subiu sempre e quando o artista parecia não mais poder atingir a qualquer outro cume, pois a todos já subira, para sua maior glória, eis que identifica seus sentimentos de homem com a sua arte. Rumando da Itália para os Estados Unidos, no período da política que antecedeu a guerra, Toscanini encontrou na sua pátria adotiva o ambiente acolhedor propício para desenvolver — senão o artista que, por completo, nada mais possuía para completar-se — suas atividades, agora em pleno apogeu do sinfonismo, da música de concerto.

Quando há pouco, Milão caiu e retornou à categoria de cidade livre, o primeiro grito, o primeiro anseio do homem milanês, foi rever Toscanini. E, imediatamente, afixaram nas paredes, apelos a ele dirigidos e assim escritos: "Toscanini, volta à Milão". "O La Scala" espera-o..."

É a este apelo que o glorioso regente agora atende. Retorna à estante do teatro que tanto amou e para cujo prestígio constituiu-se em um de seus maiores artistas. Ele volta à Itália, venerando a idade de 80 anos. Será, mais do que nunca, respeitado, venerado, amado. E com certeza, na sua memória, no íntimo da sua consciência, agradecerá a Deus pelo seu destino, que, sem um gesto dele pessoal, lhe ofereceu todas as reparações morais que estavam a exigir a sua vida de artista e de cidadão.

Um herói brasileiro na campanha pela unificação da Itália

André Aguiar, o "Moro di Garibaldi", uma sugestiva figura de guerreiro e idealista, faleceu em 1849 na defesa de Roma.

Em 1848 as populações italianas da Lombardia se revoltaram e, em cinco dias — fato militar inexplicável — o povo expulsou um exército de vinte mil homens, das melhores tropas austríacas e comandado por um dos mais hábeis generais da época, o general Radetski.

Em fins desse mesmo ano, depois de uma campanha desastrosa, comandada do lado italiano pelo rei Carlo Alberto Carignano di Savoia, os austríacos voltaram a Milão.

Mas, os batalhões lombardos que não se sujeitaram, constituídos pela fina flor da juventude daquela região italiana, retiraram-se para Roma, de onde naqueles tempestuosos tempos havia saído o Papa Pio IX, tendo-se proclamado a República Romana, sob a chefia de Mazzini e defendida por Garibaldi.

O "MORO DI GARIBALDI"

Entre as famílias lombardas que tiveram elementos na campanha, a maioria dos quais mortos heróicamente, falava-se muitas vezes no "Moro di Garibaldi", que havia morrido no mesmo dia que o chefe do batalhão lombardo, Luciano Manara.

Esse "Moro di Garibaldi" era um brasileiro, chamado André Aguiar, que combateu com bravura, primeiro no Brasil, na revolução farroupilha e depois na Itália, sempre junto a Garibaldi.

A participação de André Aguiar nas lutas pela unificação da Itália está largamente provada, entre outros documentos pela ordem do dia do quartel-general da República Romana, assinada pelo próprio Garibaldi. É o seguinte o texto desse documento:

ORDEM DO DIA DO QUARTEL-GENERAL ROMANO

"República Romana. Do Quartel-General de San Pietro in Montorio. 1.º de julho de 1849. Ontem foi um dia fecundo em feitos de armas, perdas e sucessos. Ontem a Itália passou a ter novos mártires. O coronel Manara deixou um vácuo nas fileiras republicanas dificilmente preenchível — jo-

vem de merecimento e valor surpreendente, foi atingido pelas balas inimigas quando sustentava corajosamente a Villa Spada contra um inimigo muito superior. — A América deu também ontem, com o sangue de um seu valoroso filho, André Aguiar (André Aguiar), uma demonstração do amor dos homens livres de todas as terras pela nossa belíssima e desafortunada Itália...

GARIBALDI"



MAIS ALGUNS DADOS SOBRE ANDRÉ AGUIAR

Esse humilde brasileiro que foi encontrar em terra estranha uma morte gloriosa, gozou sempre da maior estima de Garibaldi e seus comandados, que viam nele um companheiro de ideal e não se preocupavam com a cor da sua pele.

Era, realmente, preto, e não deixa de ser curioso recordar que um pr ef o morreu na defesa da Roma Eterna.

André Aguiar, não fosse a raça a que pertencia e que estava escravizada no Brasil, talvez não sentisse como sentiu um tão forte anseio de liberdade e não se arrohasse a acompanhar o Herói dos Dois Mundos e a partilhar da sua sorte.

Faleceu lutando contra soldados franceses mandados pelo presidente Luís Napoleão (mais tarde imperador sob o nome de Napoleão III) para sufocar a nascente República Romana. Comandava os franceses o general Oudinot.

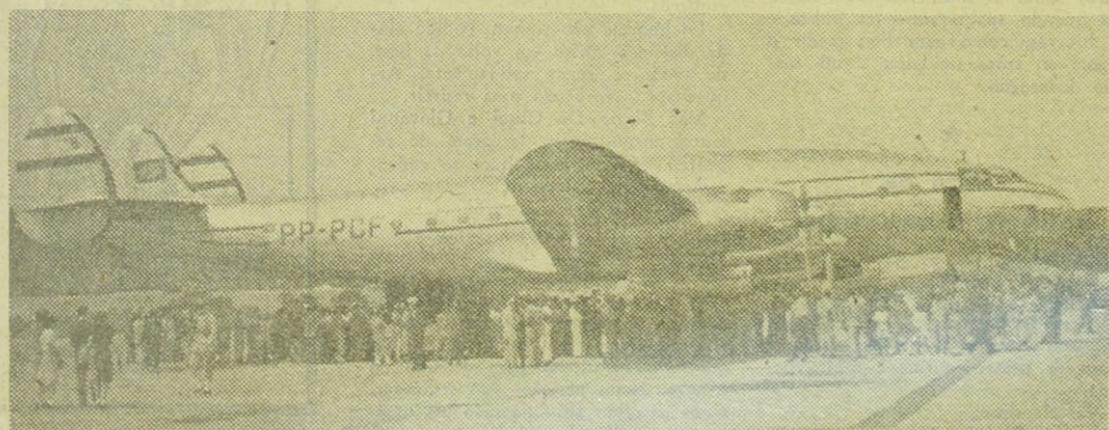
Já o rei de Nápoles e a rainha da Espanha haviam enviado tropas que foram facilmente desbaratadas pelo general Garibaldi.

Ferdinand Lesseps — o mesmo que mais tarde abriu o canal de Suez — e que naquela época representava a França junto à República Romana, de boa fé havia convencido os triunviros romanos de que o general Oudinot vinha como amigo. Logo, porém, que o contingente chegou a Civitavecchia, Oudinot revelou seu verdadeiro fim e, em vista disso, Lesseps pediu demissão do cargo.

As presentes informações sobre André Aguiar são as primeiras que aparecem em língua portuguesa, constituindo portanto, uma contribuição de inestimável valor para o perfeito conhecimento de um período importante da história pátria e da Itália. (De "Vamos Lêr")

Editor responsável:

SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI]
Rua Boa Vista, 234 — São Paulo



LINHA AÉREA RIO-LONDRES — O "Constellation", primeira unidade da Panair do Brasil em serviço regular entre nosso país e a Grã-Bretanha, transporta 43 passageiros e 11 tripulantes, possui 4 motores de 2.500 HP, tem um raio de ação auto-suficiente de 7.380 quilômetros

DEFENDA-SE DO CANCER!

Conheça os 7 sinais de alarme

- 1 — Feridas que não cicatrizam, particularmente, na língua, lábios ou boca.
- 2 — Caroços, lobinhos ou zonas endurecidas, sobretudo nos seios, língua e lábios.
- 3 — Perdas de sangue anormais ou irregulares, por qualquer orifício do corpo.
- 4 — Alteração de cor ou de tamanho de verrugas, pintas ou sinais.
- 5 — Perturbações persistentes do estômago, principalmente má digestão, falta de apetite.
- 6 — Rouquidão permanente, tosse sem motivo aparente, dificuldade para engulir.
- 7 — Alterações ou anormalidades da função intestinal.

Campanha patrocinada pela Seccção de Propaganda e Educação Sanitária